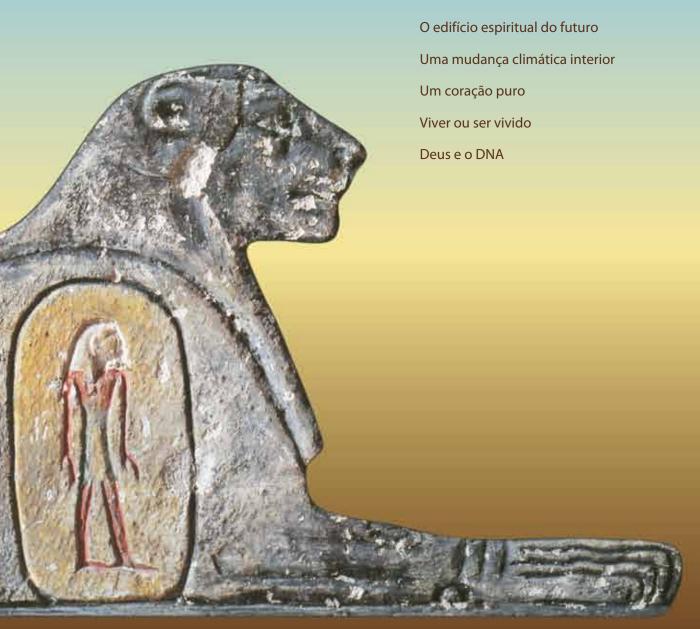


# pentagrama Lectorium Rosicrucianum





#### Redação

C. Bode, A.H.v.d. Brul, I.W. v.d. Brul, A. Gerrits, H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn, A. Stockman-Griever, G. Uljée, P. Huijs (editor responsável)

#### Endereço da Redação

Pentagram,
Maartensdijkseweg I,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
info@rozekruispers.com

#### Edição Brasileira

Editora Rosacruz

Administração, assinaturas e vendas

Caixa Postal 39

13240-000 – Jarinu – SP

Tel: (011) 4016-1817

Fax: (011) 4016-5638

info@editorarosacruz.com.br

#### Editado nos seguintes idiomas

Holandês, Português, Alemão, Espanhol, Francês, Grego\*, Húngaro\*, Inglês, Italiano\*, Polonês\*, Russo\*, Sueco\* A revista é editada 6 vezes por ano (\*Editada 4 vezes por ano)

#### Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal Travessa das Pedras Negras, I, I°, Lisboa www.rosacruzlectorium.org escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

# Revista bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

# pentagrama

Ano 30 Número 2 Abril 2008



Por toda parte ouvimos dizer que as coisas devem mudar, e em especial os seres humanos. Essa é a mensagem que o fundador do Lectorium Rosicrucianum propagou durante toda a sua vida. O artigo de Annick de Witt "Uma mudança climática interior", que publicamos neste número da revista Pentagrama, é um excelente exemplo. Com plena responsabilidade, é absolutamente possível, em nossa época, fazer brilhar com todas as suas cores a antiga mensagem gnóstica sobre as duas ordens de natureza: a ordem da realidade terrestre e a da realidade divina. O artigo intitulado "O edifício espiritual do futuro" mostra como uma escola espiritual moderna como a Rosacruz Áurea se esforça para estruturar a mudança interior.

#### Sumário

O edificio espiritual do futuro 2
Os tempos estão maduros para
uma mudança climática interior 8
Annick de Witt
A vida de Valentino 15
Valentino e o mito da criação 18
O coração puro 21
O pleroma segundo Valentino 25
Viver ou ser vivido 26
Deus e o DNA ou
Deus no DNA? 30
A criação da Sophia 38

#### Capa:

A força divina, no antigo Egito, é com freqüência representada por um nobre animal que protege o Filho de Deus (o faraó). O célebre Hórus é um exemplo. Este leão da tumba de Ramsés VI é o protetor (ou guardião) do horizonte, que vela para que nada impeça o sol espiritual de surgir no horizonte.

# O edifício espiritual do

Alocução inaugural do ano de trabalho na Holanda e na Bélgica, proferida em setembro de 2007

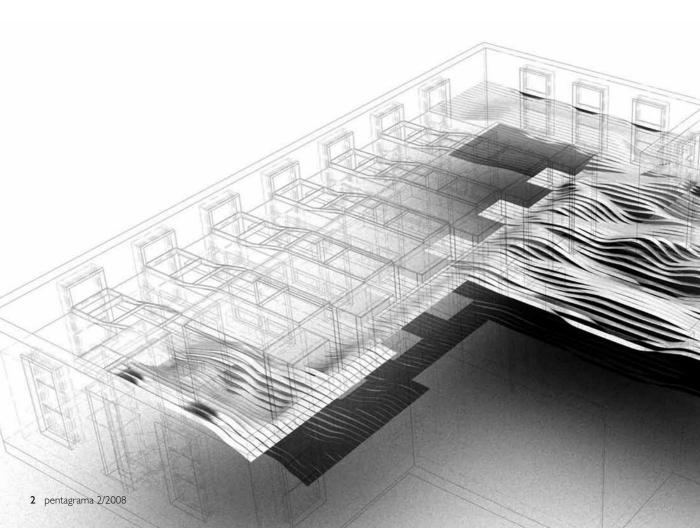
m triângulo ígneo manifesta-se de forma interativa e regular em todos os locais de trabalho de uma escola espiritual gnóstica. Esse triângulo tem três lados:

- a unidade no interior do corpo-vivo,
- a liberdade de uma elevação vivente em direção à fonte de luz e força,
- e o amor irradiante que labora em todos os do-

mínios da obra mundial.

Um triângulo análogo existe no axioma: "conhecimento, amor, ação" gravado na pedra comemorativa no roseiral de Noverosa. São "os três atributos sublimes de Cristo":

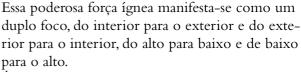
- o conhecimento: guardar a simplicidade e a leveza no trabalho;
- o amor: testemunhar do equilíbrio interior, que



## futuro

está no silêncio – repouso – movimento; - a ação: alcançar o alvo no momento justo, no movimento e na ação.

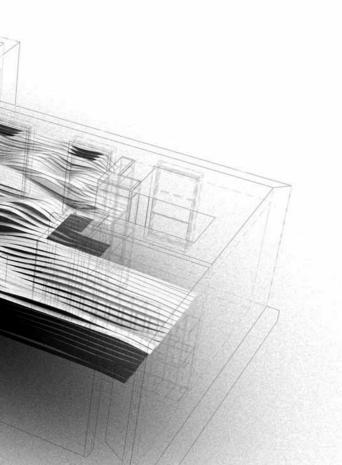
O triângulo "unidade, liberdade, amor", orientado para o alto, e o triângulo "conhecimento, amor, ação", orientado para baixo, simbolizam a essência ígnea que jorra, como uma energia vulcânica, da fonte central do campo de força.



É o olhar do ser interior que se dirige para o exterior, do observador para o observado. É o poder de perceber o outro em seu estado interior, portanto, como homem interior. É aprender a perceber o buscador, o buscador que aguarda que o reconheçamos. É ver e compreender que os jovens de nossa época vivem e buscam de modo diferente. É ver o crescimento do jovem adulto, que inicia o caminho do discernimento. É ver o crescimento do homem que se tornou adulto, que vive na realidade do temporário, da mudança e do permanente, e reconhece a experiência profunda que existe atrás de si. É o regresso dos anciãos no campo mantido vivo pela Fraternidade da Vida, em cujo seio o presente, o passado e o futuro fundem-se na força da onipresença.

Tudo isso forma um edifício espiritual, no qual a brilhante estrela-guia de seis pontas acompanha o buscador no caminho, até que ele tome lugar no pentagrama da realização: o lar da Fraternidade da Rosacruz, a Fraternidade que está no mundo, mas não pertence a ele, que está acima dele, mas penetra ao mesmo tempo seu coração, o centro do seu mundo.

Assim, encontramo-nos todos reunidos, hoje, no decorrer desta atividade, no início de um novo ano de trabalho. Recarregados, inspirados, cheios de uma nova coragem, aceitando inteiramente nossa responsabilidade, prontos para um novo esforço que exige que juntemos nosso tesouro interior a



#### Tudo isso forma um edifício espiritual, no qual o guia é a brilhante estrela de seis pontas

essa incomensurável riqueza de luz que pode libertar o mundo e a humanidade de todas as ilusões e de todas as mentiras.

A Escola Espiritual é uma comunidade na qual o ensino e a aprendizagem encontram um lugar de crescimento e de desenvolvimento, onde o professor – o campo de força – está a serviço do aluno. Fazer parte da comunidade tem por objetivo conduzir a alma ao crescimento e ao florescimento pelo processo particular da auto-iniciação. Esta comunidade reúne, portanto, um grupo de homens e mulheres dinâmicos que, ao lado das numerosas atividades do Lectorium Rosicrucianum, interiores e exteriores, se orientam diariamente para o campo da obra mundial, onde a Fraternidade Mundial escolhe e gera seus notáveis pioneiros.

A missão da Era de Aquário, diante da qual a Rosacruz Áurea nos coloca, é a renovação e a transfiguração, mediante a atividade do homem almaespírito consciente. Quando aceitamos essa missão, não agimos somente em nome da Fraternidade, mas colocamo-nos concretamente a serviço do mundo e da humanidade. Somos, então, verdadeiros servidores. Essa missão excede de longe nosso atual discipulado, porque é como homem almaespírito que servimos realmente a grande obra da Fraternidade.

Também não devemos estagnar. Quem orienta incessantemente seu olhar para o mais elevado cume da montanha sagrada é constantemente renovado, e compreende que ele mesmo se tornou aquele que renova.

É dessa forma que, um dia, nos tornaremos criaturas divinas, que bebem eternamente da fonte origi-

nal que emana do Logos. Dessedentados pela água da vida inexaurível, pelo mar da plenitude divina, nos tornaremos, então, verdadeiros portadores de água, homens de Aquário. É chegado o tempo em que numerosos alunos superarão a teoria e colocarão essa missão em prática. Somente sobre essa base podemos conduzir o desenvolvimento da futura obra gnóstica a outro nível, a novas e maravilhosas possibilidades de florescimento, do interior para o exterior. O mundo e a humanidade estão a caminho para o que se anuncia como nadir.

Ora, é precisamente nesse ponto crucial do declínio ou da ascensão que esse desenvolvimento é de grande importância, porque a radiação emanada poderá diminuir consideravelmente o sofrimento do mundo. O futuro desenvolvimento interior da Escola Espiritual fundamenta-se em um corpo purificado e na nova atividade da alma. Pela obtenção dessa nova consciência, nascida dos princípios eternos de unidade, liberdade e amor, nós nos ligamos, exteriormente, ao trabalho mundial, utilizando métodos e meios da nossa época.

Não existem estratégias elaboradas com antecedência para esses desenvolvimentos interiores e exteriores. Porque se trata do cumprimento do plano do Logos, que pode se manifestar pela nova alma e pela nova faculdade de pensar. E assim, um círculo crescente de alunos pode percebê-lo de modo intuitivo, ser inspirado por ele e realizá-lo; o que demonstra uma consciência crescente e um fortalecimento do campo eletromagnético da Escola Espiritual. Um novo campo de manifestação dinâmico correspondente a esse desenvolvimento interior começa a se esboçar. É um aspecto

exterior que envolve a Escola e oferece aos numerosos buscadores no mundo as condições ideais para empreender um caminho.

Apoiando-se no princípio hermético original – tudo receber, a tudo renunciar, para tudo renovar na força do amor –, os dois desenvolvimentos mencionados se concretizarão nos tempos vindouros, tanto no ensinamento quanto na vida. Isso é o chamado de Aquário, que anuncia para nossa época uma mudança irreversível, e hoje se manifesta por um sentimento de inquietação.

Tanto o homem como indivíduo quanto a humanidade como um todo encontram-se a um passo do processo de conscientização; e a pergunta do sentido da vida toma lugar cada vez mais central no mundo.

Al Gore, no seu filme Uma verdade inconveniente, e sobretudo pelo seu desempenho pessoal na cena mundial das multimídias, apresentou esse desenvolvimento como uma crise ecológica irreversível. Pessoa alguma nem povo algum pode permanecer insensível. Al Gore mesmo diz: "Quanto mais fundo eu cavo para encontrar as raízes da nossa crise ecológica global, mais fico convencido de que ela é a manifestação de uma crise interior que, na falta de uma palavra mais adequada, é espiritual". Nesta época em que tudo muda tão depressa, comprovamos objetivamente que a vivência desta crise é muito diferente quando se trata de crianças ou jovens, e que há um grande abismo entre criancas, jovens, adultos e anciãos, bem como entre os mundos nos quais eles exercem suas faculdades de compreensão e expressão.

Mas essas quatro gerações fazem a mesma pergun-

ta: Não deve haver um elo faltante, um caminho a percorrer que devesse nos religar à verdadeira missão do ser humano? Em que consiste essa missão? Onde e como encontrá-la? Como aplicá-la? Antes de aprofundar essas perguntas no âmbito da Escola Espiritual, é bom estarmos atentos aos sinais, cada vez mais claros, emitidos por nossa sociedade. Vemos um exemplo na rubrica "Opinião e Debate" do jornal holandês NRC Handelsblad de 8 de julho de 2007, na qual a pesquisadora Annick de Witt introduz um novo paradigma, o da mudança climática interior: "Na visão do mundo racional comum, o conceito 'mudança climática' apenas tem valor quando percebido de maneira empírica e tangível. Os fenômenos internos são reduzidos aos seus equivalentes externos: a consciência é considerada como um subproduto do cérebro e o sentimento do amor é atribuído a processos químicos. Essa visão materialista da realidade oferece uma compreensão profunda do lado físico do mundo, mas tende também a fazer do mundo um simples objeto, um bem de consumo, um instrumento. Assim, a natureza não só não tem nenhum valor especial, mas não tem valor algum. Essa visão do mundo caracteriza-se, por conseguinte, por uma separação fundamental entre o homem e a natureza, o espírito e o corpo, o assunto e o objeto". Annick de Witt termina sua exposição com esta notável conclusão: "As visões do mundo tendem a se desenvolver até suas consequências mais extremas. A única coisa capaz de modificar esse curso é uma imagem do mundo inegavelmente superior: um novo modelo que responda aos desafios do tempo e ultrapasse o antigo modelo. Uma visão do



O leão de Judá simboliza a força espiritual crística, vigia a nova construção, a morada espiritual Sancti Spiritus.

mundo deve, portanto, poder superar o drama do tempo. E é exatamente o que está ocorrendo". Isso nos transporta diretamente ao âmago da nossa atual missão, individual e coletiva. Pomos nosso discipulado à prova no ponto em que ele cruza nossa experiência diária. Na qualidade de alunos, somos colocados à prova em nossa vida cotidiana. Tentemos imaginar isso da seguinte maneira: a linha vertical é a nossa inteira aspiração a nos abrir ao impulso do campo de força posto a nossa disposição; a linha horizontal é a responsabilidade que temos de transformar a força da qual dispomos e de acrescentar o fruto dessa obra ao capital espiritual com o qual a Escola Espiritual se manifesta na corrente universal de Fraternidades, Assim, a Rosacruz Áurea vivente está erigida no campo mundial como uma cruz. Ela age:

do interior para o exterior, do exterior para o interior; de baixo para o alto,

do alto até coração do mundo.

É a força de Cristo que arrebata o coração do mundo.

É a força do Logos, a Gnose, que testemunha do seu amor.

Unidade – Liberdade – Amor.

Unidade de grupo – Liberdade interior – Amor para a humanidade.

Essa é a receita com a qual preparamos o remédio da libertação gnóstica. Essa fórmula espiritual dá uma nova dimensão a nosso trabalho: em primeiro lugar, o desenvolvimento ulterior das atividades da Escola Espiritual com seus alunos; em segundo lugar, o desenvolvimento ulterior da força da expansão interior nos sete aspectos do corpo-vivo; em terceiro lugar, a consolidação da Escola de Mistérios: ser um instrumento no seio da obra da sétupla Fraternidade Mundial. A sede central da Escola Espiritual, em Haarlem, ocupa um lugar elevado na obra mundial. Foi assim que, em 1938, a conclusão do primeiro templo inaugurou um novo período e que o raio chamador se tornou ativo.

Em seguida, ao longo dos anos, os grandes centros de renovação irradiaram como o do Templo de

# O chamado da Fraternidade se manifesta por seu aspecto material, por sua inspiração interior viva, por sua manifestação espiritual

Renova, o foco do sétimo raio ou raio da realização, bem como os numerosos centros de trabalho em muitos países do mundo. O chamado da Fraternidade manisfesta-se na obra de maneira mágica: por sua veste material, por sua inspiração vivente interior, por sua manifestação espiritual. A Escola Espiritual, em sua atual fase de manifestação, está aberta à sociedade. Seu desenvolvimento se manifesta em estreita relação com a humanidade buscadora. O edificio espiritual do futuro eleva-se! Al Gore fala de uma verdade inconveniente: a mudança climática do nosso planeta e as consequências decorrentes para toda a sociedade. Annick de Witt diz no seu artigo: "Devemos inverter nossa visão do mundo. Chegou o tempo para uma mudança climática interior, uma transformação da consciência coletiva". Ora, nos aspectos da nossa Escola Espiritual que se renovam sem cessar, há sempre lugar para compreensão, novos meios e possibilidades que se juntam ao coletivo formado por nossas crianças, nossos jovens, nossos adultos e nossos anciãos.

Na força da convicção dos fundadores da Fraternidade da Rosacruz clássica, confirmamos de novo o que está gravado no epílogo da Fama Fraternitatis, o Chamado da Fraternidade da Rosacruz: "É preciso, com efeito, que nossa construção, mesmo que centenas de milhares de homens a tenham visto de perto, permaneça intangível, incólume, excepcional e perfeitamente oculta por toda a eternidade. À sombra de tuas asas, ó Espírito Santo". Essa tríplice força espiritual determina a orientação com a qual nós, alunos e obreiros a serviço da sagrada obra, fazemos surgir o quadrado de construção com base na tríplice força espiritual. O quadrado de construção cede lugar a quatro gerações: a mocidade, os jovens, os adultos e os anciãos; quatro grupos de homens dinâmicos a caminho do cumprimento da missão da Fraternidade: viver o novo dia de manifestação 3

# Os tempos estão maduros uma mudança

Annick de Witt

publicado em NRC-Handelsblad, 19-7-2007

por detrás do aquecimento climático devido ao efeito estufa oculta-se uma concepção racional do mundo na qual há pouco espaço para o desenvolvimento pessoal e a questão do sentido da vida.

Por conseguinte, nossos invernos moderados e nossos verões precoces nos fornecem a oportunidade de inverter essa visão do mundo. Já não se trata "de descartar a razão", mas "de ir além da razão".

Há décadas os movimentos em matéria de ambiente acentuam com força os riscos ligados à mudança climática, e de repente todos tomaram consciência do perigo. De repente a atmosfera aqueceu-se.

Ninguém poderia ter previsto uma mudança mental tão rápida e radical. Podemos, contudo, explicá-la.

Pensemos, por exemplo, no documentário *Uma verdade inconveniente*, de Al Gore. Ele nos fez vivenciar, direta e mesmo fisicamente, a ausência de transição, que apresenta no filme, demonstrando que um inverno quase inexistente foi seguido de um verão extremamente precoce. Além disso, a economia vai bem e a expansão econômica em geral provoca um interesse crescente pelo meio ambiente. Ademais, somos sempre confrontados outra vez com a incerteza e as suscetibilidades políticas quanto às fontes de energia.

Esse clima provocou uma mudança de curso nos setores de energia contrária à tendência dos anos passados, fato que mostra a considerável importância da consciência coletiva: enquanto a massa crítica da população não considerar a mudança

climática como um problema realmente preocupante, faltará base para a busca efetiva de soluções. A maioria das pessoas procura a solução nas novas tecnologias. Mas sobre esse otimismo tecnológico há muito a dizer. As novas tecnologias não caem do céu: o compromisso político e, consequentemente, um apoio substancial da sociedade são, antes de tudo, necessários ao desenvolvimento e à criatividade. É claro também que frequentemente as inovações tecnológicas são depressa superadas por outros desenvolvimentos: demográfico, econômico, cultural. Os automóveis, por exemplo, tornaram-se mais econômicos, mas nós somos mais numerosos e nossos automóveis são maiores. E se, de fato, os automóveis tornam-se mais econômicos, o consumidor vai comprar de modo significativo? Comprará um pequeno automóvel se o seu status exige um maior?

O debate atual sobre o clima limita-se geralmente a novas tecnologias e a energias duradouras, com algumas pequenas incursões no domínio da mudança comportamental.

Por mais importantes que sejam esses elementos, uma política eficaz em matéria de clima exige, antes de tudo, uma transformação da consciência coletiva a fim de que uma mudança climática interior possa ocorrer. Se quisermos realmente que toda essa agitação ao redor da mudança climática não se reduza a uma propaganda difundida pela mídia, que desaparece tão rápido quanto veio, deveremos procurar mais profundamente em nós mesmos e compreender que essa crise refere-se a nós mesmos, à nossa relação com o mundo e ao nosso modo de vida.

# para climática **interior**

#### É necessário inverter nossa visão de mundo

#### UMA VISÃO RACIONAL E CIENTÍFICA DO MUNDO

Na visão do mundo racional comum, o conceito "mudança climática" apenas tem valor quando percebido de maneira empírica e tangível. Os fenômenos internos são reduzidos aos seus equivalentes externos: a consciência é considerada como um subproduto do cérebro e o sentimento do amor é atribuído a processos químicos. Essa visão materialista da realidade oferece uma compreensão profunda do lado físico do mundo, mas tende também a fazer do mundo um simples objeto, um bem de consumo, um instrumento. Assim, a natureza não só não tem nenhum valor especial, mas não tem valor algum. Essa visão do mundo caracteriza-se, por conseguinte, por uma separação fundamental entre o homem e a natureza, o espírito e o corpo, o sujeito e o objeto. Num mundo onde a matéria constitui a realidade final, tudo o que aí vive está fundamentalmente separado: os limites materiais são insuperáveis. O homem, ser racional, põe-se em linha direta contra a natureza irracional - não somente a que o cerca, mas igualmente a de sua própria natureza. A ligação entre essa visão do mundo e os problemas climáticos atuais é evidente. Uma visão de mundo que nega qualquer interiorização pode produzir apenas uma cultura muito "exteriorizada". Com uma concepção da vida tão materialista, a busca por felicidade pode nos levar apenas a frequentar os shopping centers. E é precisamente essa cultura obstinada de consumo que é difícil de conciliar com um comportamento e uma política razoáveis em matéria de ambiente. Essa visão do mundo é concebida às vezes como



Eu lembrarei de ti. © Iris le Rütte

"fé" porque contém em si, tal como uma religião convencional, a promessa da felicidade, até mesmo uma espécie de libertação. Ela esconde uma ideologia que fala fortemente às necessidades fundamentais do homem, aos seus desejos e convicções. Dessa forma, ela é, com freqüência, considerada a barreira mais importante a ser transposta para viver em comunidade de maneira duradoura.

Não será fácil alterar essas convições e idéias freqüentemente inconscientes e muito enraizadas. As revoluções metafísicas são raras na história da humanidade. Por revolução metafísica entendemos as transformações da visão do mundo em geral, que são determinantes para a economia, a política, e para os hábitos e costumes da sociedade. Tais revoluções estendem-se, muitas vezes, por vários séculos e geram muita resistência. Os precursores tiveram, às vezes, de pagar com a própria vida suas qualidades visionárias, quando, por exemplo, a visão do mundo passou de aristotélica e cristã para racional e científica. Basta que nos lembremos de cientistas como Galileu, Copérnico, Kepler e Bruno, considerados heréticos devido à sua concepção heliocêntrica do nosso sistema planetário.

As visões do mundo têm tendência de se desenvolver até suas consequências mais extremas. Apenas uma imagem do mundo inegavelmente superior é capaz de modificar esse curso: um novo modelo que responda aos desafios do tempo e ultrapasse o antigo modelo. Uma visão do mundo deve, portanto, poder superar o drama do tempo. E é exatamente o que está ocorrendo.

OS NÔMADES DA ESPIRITUALIDADE Nossa sociedade pós-moderna afasta-se, sob muitos aspectos, da visão de mundo materialista. Uma mudança anuncia-se em várias frentes. Basta observar a busca por qualidade de vida, por seu significado, por sua profundidade, bem como a aspiração ao desenvolvimento e à autenticidade pessoais. Reagimos devido a diversas fontes, indo da meditação à paixão segundo São Mateus. Porque o modelo ocidental, com sua abundância material excessiva e suas infinitas tentações, não responde

às perguntas existenciais do indivíduo, do mesmo modo que o contexto social não responde às necessidades da sociedade. O novo relacionamento social atesta: "A abundância não assegura o bem-estar. A Segurança Social não assegura a coesão social". As respostas freqüentemente são procuradas na esfera do desenvolvimento pessoal, na busca pelo sentido da vida e pela espiritualidade. Parece-nos aqui útil nos referir à diferenciação proposta pelo filósofo Ken Wilber entre as formas de espiritualidade "pré-racionais" e "pós-racionais".

Concepções mágicas e místicas bem como o idealismo romântico constituem a primeira forma



de espiritualidade. Quanto à espiritualidade pósracional, refere-se simplesmente à aquisição, por evolução psicológica, de poderes situados e estruturados além do pensamento racional. Essas duas formas de espiritualidade constituem uma etapa lógica durante o desenvolvimento da humanidade: o indivíduo aspira descobrir no seu mais profundo ser poderes como, por exemplo, a verdadeira paz interior, o pensamento criador universal, a verdadeira empatia e indulgência, a autenticidade e a integridade. Caso a razão seja suficiente para reconhecer seus próprios limites, essa forma de espiritualidade não é contra a razão, não luta com a razão. Pelo contrário. O desenvolvimento dessas



atividades exige clareza intelectual e explicações precisas. Porque, falando como Wittgenstein, "os limites da minha linguagem determinam os limites do meu mundo". Esse campo por si só já é suficientemente obscuro e vago para necessitar de outros propósitos nebulosos.

Não se trata de uma corrente marginal. Se observarmos a civilização em geral, veremos transformações que solicitam uma diferente compreensão da realidade e uma nova visão do homem. Os limites das concepções científicas positivistas são cada vez mais contestados e transgredidos. Na Filosofia, os antigos temas voltam à moda e a arte conhece uma verdadeira reativação. A vida empresarial integra as práticas de meditação e o desenvolvimento pessoal, porque podem contribuir para a criatividade dos trabalhadores e, como consequência, para a produtividade da empresa. Existe hoje uma economia em pleno desenvolvimento na qual as matérias mais importantes já não são a terra ou o capital, mas o próprio homem: o seu trabalho, o seu meio, o seu saber, a sua criatividade e o seu poder mental.

A espiritualidade é, portanto, frequentemente carregada de negatividade. Para muitos, ela é nebulosa, irracional, regressiva - trata-se da forma pré-racional. Isso pode ser compreendido. Em nossa sociedade, às vezes acontecem experiências negativas devidas a pessoas que pretendem falar em nome de Deus e disso abusam de maneira desavergonhada. A imagem que se elaborou em redor da espiritualidade é desperdiçada por "gurus" que põem seus adeptos na sua cama, ou por indivíduos completamente perdidos que acham as divagações emocionais da sua "criança interna" mais importantes que o respeito ao próximo. Para muitos ateus convictos, tudo isso parece um regresso para coisas que, a justo título, foram erradicadas com muita dor e dificuldade. Mas a procura "dos nômades da espiritualidade" faz pensar que nossas idéias a esse respeito são maduras para "uma atualização". A compreensão parece



ter vencido o infantilismo doentio da maior parte e procura atualmente sua forma num mundo adulto.

O ponto de partida de uma espiritualidade pósracional é o seguinte: o que é espiritual e "divino" manifesta-se na e pela própria vida. Não se reduz, portanto, a um além hipotético ou a um inventor externo à sua própria criação. Evolução e criação não são conceitos que se excluem um ao outro, mas antes as duas faces de uma mesma moeda: a evolução é um processo contínuo de criação, e a criação encontra lugar graças à evolução. Tudo tem uma alma, e a diferença entre o homem e a natureza é antes essencialmente gradual que absoluta. O homem é um co-criador, um artista da vida que, devidamente provocado, desenvolvido e cultivado, porta poderes superiores e um potencial mais importante do que geralmente acreditamos. E esse potencial dá-lhe toda uma gama de possibilidades e uma responsabilidade considerável. O mundo, a natureza, a vida, reencontram aqui seu valor e significado.

Essa concepção da vida é geralmente associada a um grande sentimento de responsabilidade em matéria de ambiente, sentimento de importância crucial para a política climatológica em todos os aspectos.

Cada um de nós teve um dia a oportunidade de sentir um momento de grande felicidade, talvez após ter feito a ascensão ao cimo de uma montanha, ao admirar a paisagem magnífica que se revelava então; ou ao sentir amor por um ser querido, ou ao ter o prazer de contemplar uma obra de arte ou ao ouvir música. Sentimo-nos, então, leves e preenchidos de alegria, abertos e indulgentes em relação às pessoas que nos cercam, e nossos pensamentos tornaram-se mais claros. A nossa vida tomou um sentido. O melhor em nós despertou. Nossas qualidades, que se revelam na vida diária apenas gota a gota, emergiram de repente. Vivemos experiências sensoriais: a ligação com o nosso corpo, com outras pessoas ou com o mundo estabelece-se de maneira natural, como se as barreiras se dissolvessem ou se tornassem porosas. E por mais notáveis e excepcionais que sejam tais momentos, o mais incrível é que notamos que eles fazem que nos sintamos mais fortes. Tudo parece mais espontâneo e mais direto, de acordo com nossa própria natureza. Tais momentos são a ocasião, para alguns, de realizar escolhas, por exemplo, consagrar-se de corpo e alma às atividades consideradas realmente importantes. Nesse sentido, essa corrente, esse paroxismo, esse apogeu ou experiência sublime, contribui para aumentar o valor pessoal.

CIÊNCIA EVERDADE Por ocasião da revolução que constituiu a passagem da visão cristã à visão científica do mundo, a Igreja opôs-se tanto quanto pôde à emergência dos novos conceitos e suas implicações. Atualmente, é sobretudo o mundo científico que se revolta contra o modo de pensar predominante. A ciência, com o seu "direito de veto" em tudo o que se refere "à verdade", tornou-se a nova Igreja. O pós-modernismo – com a idéia de que tudo é relativo – é a conseqüência final dessa visão do mundo.

Agora que o homem compreendeu o mundo material com tanta inteligência e precisão quanto possível, uma fundamental falta de conhecimento de natureza diferente revela-se. Aspira-se, de fato, conhecer de maneira subjetiva, provar, experimentar. Uma verdadeira necessidade de compreender o universo interior pessoal emerge. Discutem-se valores e normas. E sempre mais pessoas procuram formas de desenvolvimento interior. Por exemplo, de acordo com um estudo recente, grande parte da humanidade "ora". Freqüentemente não se trata de invocar Deus de maneira tradicional, mas antes de uma forma de introspecção meditativa, de uma técnica psicológica para

Além do "ver", o mundo da percepção objetiva e da compreensão reservada, existe também o mundo do "ser", das experiências subjetivas e das impressões do coração. Mas, em geral, há estrita separação entre o mundo vivenciado e o reconhecido mundo científico.

O resultado é a situação absurda na qual coexistem duas formas essenciais de conhecimento e, conseqüentemente, duas realidades diferentes! Isso dilacera o mundo, mas também cada um de nós. O homem como sujeito conhecedor e o homem como objeto conhecido tornaram-se dois domínios científicos aparentemente incompatíveis. Isso apresenta um grande problema para a filosofia científica. O novo paradigma e as experiências de muitos indivíduos contêm um germe da verdade: a vida na terra possui uma dimensão

# É necessário compreender o universo interior de cada um





Que a sorte esteja a teu lado. © Iris le Rütte

restabelecer o equilíbrio interior.

Esse mundo de experiências interiores não é, contudo, nem compreendido, nem descrito, nem demonstrado no âmbito das concepções científicas positivistas atuais. Os cientistas mais razoáveis reconhecem que além dos conhecimentos racional-científicos existem outros meios igualmente legítimos, dos quais a arte e a filosofia geralmente são consideradas os mais importantes.

espiritual, interior. Como essa existência não pode ser medida empiricamente e é difícil racionalizá-la, ela desliza pela trama da verdade científica. Com base nas atuais regras do jogo, podemos dizer como as pessoas vivenciam essa dimensão, mas nada podemos dizer com respeito à própria realidade. O conhecimento objetivo é empíricoracional; o conhecimento subjetivo é uma construção sócio-psicológica.

Contudo, enquanto não reconhecermos como "real" esse mundo interior que muitos de nós claramente experimentam em nossos melhores momentos, como poderemos esperar que as pessoas se orientem ou se desenvolvam nesse aspecto? Como repreendê-las por buscar sua salvação no consumismo sem alma, no materialismo superficial, numa exteriorização vazia e numa busca vazia por prazer?



O mundo interior de cada homem é o lugar único onde ele pode sentir o amor, onde ele pode provar a compaixão

Eu lembrarei de ti. © Iris le Rütte

Entretanto, atenção: certamente é esplêndido aproveitar a vida, e no mundo físico há uma grande beleza. Mas essa felicidade ou alegria não terá sentido se não atribuirmos real valor às experiências interiores, se as desprezamos ao invés de cultivá-las - porque o ponto essencial onde podemos encontrar alegria e felicidade é onde o amor pode ser vivenciado, os valores podem ser sentidos, a compaixão pode emergir, onde podemos contatar nosso eu, nosso próximo, a natureza. Então, como estudar de maneira objetiva essas experiências interiores sem fazer objeções? Como podemos, de maneira confiável, torná-las fontes de percepção? E podem elas ajudar-nos a penetrar cada vez mais no nosso ser interior? Enquanto continuarmos a nos agarrar ao céu estrelado que nós mesmos construímos não poderemos ver o novo mundo.

A MUDANÇA CLIMÁTICA, UMA "BÊNÇÃO DISFAR-

ÇADA"? Uma revolução metafísica é um processo doloroso, dificil e extremamente lento. Nesse contexto, uma pequena pressão externa destinada a vencer a resistência social é, por conseguinte, oportuna. A mudança climática - o drama do nosso tempo - com todas as suas ameaças, desempenha um papel chave e revela-se uma bênção disfarçada. Seu caráter onipresente e inegável nos obriga a uma mudança radical de idéias e comportamentos. Aparentemente, só com muita dificuldade aprendemos a respeitar a natureza e os reinos exteriores e interiores que nos foram legados. A mudança climática auxilia drasticamente a humanidade e a leva ao complexo mas benéfico processo de tornar-se adulta, de desabrochar totalmente.

Já em 1992, Al Gore escreveu em Earth in the Balance: "Quanto mais profundamente procuro as raízes da crise global ambiental, mais sou persuadido de que se trata da manifestação exterior de uma crise interior que, na falta de uma palavra melhor, é espiritual"♥

Annick de Witt trabalha para a fundação Aarde, uma célula de reflexão sobre a natureza e o ambiente. Ela fez vastas investigações sobre as relações entre orientação espiritual e responsabilidade pelo meio ambiente.

As imagens deste artigo são cerâmicas de Iris le Rütte. Amsterdã, 1993.

## a vida de **Valentino**

"Reconheci-o, aquele que era o meu ser verdadeiro, de quem fui um dia separado."

Mani (216-277)

#### Gilles Quispel\*

alentino, egípcio de origem grega e de nome latino, escreveu suas obras em grego e foi um importante gnóstico da Antiguidade. Nascido por volta do ano 100 da nossa era num lugar incerto do delta do Nilo a cerca de cento e vinte quilômetros a leste de Alexandria, deve ter lido a Ilíada na escola, fato que transparece no Evangelho da Verdade, onde é evocado um sonho inspirado em uma imagem da Ilíada.

Ele tinha espírito poético. Para compreendê-lo é necessário preparar-se lendo a obra de poetas como Sponsæ Eternæ (Noivos Eternos) de P. C. Boutens, De Afspraak (O compromisso), de A. Roland Holst, Fausto, um mito gnóstico de Goethe, The marriage of heaven and hell (O casamento do céu e do inferno) de William Blake.

Valentino seguiu uma formação científica em Alexandria. Posidônio e Eudorus reinavam, então, na filosofia. Eudorus esforçava-se para reconciliar Platão e Aristóteles e ensinava uma filosofia bastante intelectual, mas não mística, segundo a qual o cérebro de Deus contém efetivamente as Idéias, embora o mundo ainda não fosse uma emanação de Deus, como disseram Valentino e, mais tarde, o neo-platônico Plotino. Encontramos Eudorus, entre outros, nos escritos de Hermes Trismegisto e nos gnósticos.

Em certo sentido, Valentino era também um platônico: de acordo com ele o cosmo é um reflexo. mas apenas um reflexo, do mundo espiritual das Idéias, que ele chama de "pleroma" dos éons. Literalmente os éons são eternidades bem como sentimentos, pensamentos e reações afetivas de Deus. Posidonius é um estóico do primeiro século antes da nossa era. Foi o mestre de Cícero na ilha de Rodes, para onde fora banido. Ele é um vitalista,

um filósofo da vida. Em Cádis, descobre que as marés dependem da fase da lua. Ele conclui que há simpatia entre o céu, a terra e tudo o que existe. Para ele, Deus é um espírito que penetra todas as coisas e as liga umas às outras. Apesar das suas pretensões científicas, ele abre a porta à magia e ao ocultismo.

No início, Valentino é receptivo a essas noções, mas descobre que o platonismo é uma forma de racionalismo pelo qual não tem simpatia. Mais tarde, diz que a filosofia quer varrer com imprudência as profundidades de Deus e que essa hybris (arrogância) levou à queda. É nessa época que tem contatos com o cristianismo que acabara de nascer. Nas areias do Egito são descobertos fragmentos de escritos cristãos que mostram que, mesmo antes do ano 200, os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) já eram conhecidos. Também é descoberto um fragmento do Evangelho de João, que parece ter sido conhecido muito cedo no Egito. O melhor texto em grego do Novo Testamento, o

texto alexandrino, foi composto antes do ano 200 por filólogos gregos, dentre os quais muitos cristãos de nacionalidade judaica. É interessante observar que o Novo Testamento nunca fala sobre Alexandria, pois ele é particularmente centrado em Paulo, apóstolo dos pagãos, e, por conseguinte, é muito parcial.

No Egito viviam cerca de dois milhões de judeus, mais que na Palestina. Nas tradições da comunidade original de Jerusalém, de onde missionários eram enviados a Alexandria, ensinava-se que Jesus era o verdadeiro profeta, que tinha se manifestado sob diferentes formas às gerações anteriores antes de aparecer definitivamente como Jesus. Essa crença era compartilhada pelos elkesaítas e pelos

pseudo-clementinos, que acreditavam também que, pelo batismo no Jordão, Jesus tornou-se Cristo. Valentino explica isso do seguinte modo: "Jesus morreu quando o espírito que descera sobre ele no Jordão o deixou".

Ele diferencia Jesus, um corpo espiritual que nasceu, do Logos que se liga a ele. Valentino provavelmente é muito influenciado pela imagem de Cristo do Evangelho de João. Para ele e para João, Cristo é a revelação do que está escondido, filho do homem ou homem que reluz numa noite cósmica, como um farol ao lançar um raio de luz, que toca a terra por um curto período e, em seguida, volta à sua origem. Seu pensamento é cristocêntrico, ele proclama um cristianismo joanino.

Em Alexandria, ele ensina na comunidade cristã, que, nessa época, ainda não era estruturada de maneira autoritária. Isso ocorre apenas no ano 250

d.C. No tempo de Valentino, a direção da igreja se apóia nos anciãos escolhidos pelos membros da comunidade. Em 136 d.C., Valentino vai a Roma, onde funda uma livre universidade de ciências espirituais, que tem ramificações na Itália, em Antióquia e Alexandria. Ele concebe o sistema religioso valentiniano e seus alunos inauguram em Roma, após a sua morte, a escola ocidental ou italiana da gnose valentiniana.

Evidentemente ele e Marcion foram afastados da igreja romana, e questiona-se se os partidários desses dois mestres não constituíam a maioria dos cristãos de Roma. Supõe-se que ele tenha voltado para Alexandria e que faleceu em idade avançada, por volta do ano 160.

Valentino considerava que Cristo representa o Logos, a revelação do que está escondido. Numa visão, ele vê uma criança recém-nascida. É a primeira



### 7 34 LMVIKOL KO/ODER LOLKABIOL KAIOMOXOTOYMENWCMETA omnes et nonogificabantamdicen

vez que o tema do nascimento de Deus no coração do homem é mencionado.

O fundamento do ser, Deus, é profundidade e silêncio. Dele emanam os éons, imagens provindas do reino espiritual. Deus tem uma consorte também chamada Sabedoria ou Espírito Santo. Valentino chama-a regaço.

O mundo espiritual e o visível não foram criados do nada. Eles emanam de Deus e nasceram de seu aspecto feminino. União e parto guiam o processo de evolução. O profeta experimenta que, como ser espiritual, é admitido no todo universal e idêntico ao fundamento daquilo que é. Os indianos chamam isso de advaita, a não-dualidade. Isso implica também que o mundo visível, revelado pelos sentidos e pela inteligência, é apenas ilusão. Isso foi o que a criança revelou a Valentino.

De acordo com Valentino, Cristo veio para libertar os homens de todas as ilusões e conduzi-los ao auto-conhecimento. No Evangelho da Verdade, a vida no mundo é comparada a um pesadelo do qual é necessário despertar.

"Por isso, quem possui a Gnose tem algo de superior em si. Se é chamado, ouve e responde. Ele volta-se e eleva-se em direção a quem o chama. Ele sabe o que significa ser chamado. Então ele possui a Gnose, realiza a vontade daquele que o chama e deseja agradá-lo. Ele recebe a paz e toma posse de seu nome. Quem desse modo possui a Gnose sabe de onde vem e para onde vai"\*

Quando é chamado pelo nome, o homem sabe de onde vem, para onde deve ir e quem é. O gnóstico descobre a si mesmo graças à revelação do verbo de Cristo.

Valentino ensinava que quando Cristo veio, trouxe anjos guardiães para os homens espirituais. Eles



Os muros da moderna biblioteca mundial de Alexandria, nos quais estão gravadas palavras em todas as línguas do mundo.

À esquerda: Alexandria, escritos de formas variadas do começo de nossa era.

dedicaram-se aos homens, aos quais se juntaram, e concederam-lhes a gnose. Além disso, eles também precisam dos homens com os quais se consorciam, pois eles não podem entrar no pleroma, o reino do Espírito. Juntos formam um par. Esse anjo guardião é originalmente o daimon grego, que acompanha a criança quando de seu nascimento e é sua imagem e semelhança.

Valentino considerava o anjo como o noivo e o ser humano como a noiva: o eu inconsciente (o anjo) e o consciente do gnóstico formam uma unidade indestrutível e celebram juntos "o mistério do verdadeiro casamento", do qual o casamento entre homem e mulher é apenas uma imagem 3

\*Em 1947, Gilles Quispel publicou uma reconstituição do ensinamento original valentiniano (mythos), que extraiu dos escritos do caçador de heresias Irineu. Em 2003, integrou-o ao livro supra-citado, cujo primeiro capítulo serviu de base para este artigo.

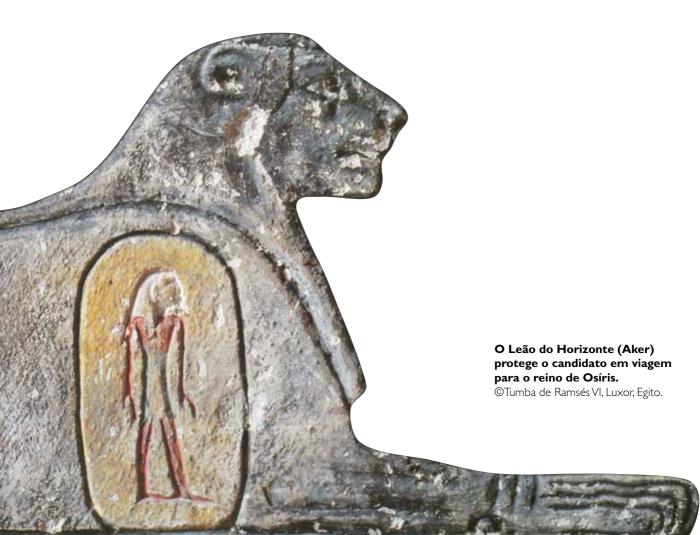
Quispel, Gilles. Valentinus, de gnosticus en zijn evangelie der waarheid. Amsterdã: De Pelikaan, 2003.

# Valentino e o mito

ara Valentino, os habitantes do mundo espiritual, o pleroma, não são deuses, mas éons. "O Pai original dos éons é a 'profundeza'; sua outra metade é o 'silêncio'. A profundeza é o fundamento não criado, o fundamento sem fundamento. Com o silêncio, a profundeza gera seu filho: a consciência, semelhante ao Pai, e somente ela é

capaz de conhecê-lo. A outra metade da consciência é a verdade; os dois geram a palavra e a vida, que por sua vez geram o homem e a comunidade." Esses "oito" constituem o cerne do pleroma (a plenitude).

"A palavra e a vida criam dez éons. O homem e a comunidade criam outros doze éons, o que perfaz



# da criação



um total de trinta criações, sendo a trigésima, a sabedoria (Sophia). Cada éon nutre o desejo de contemplar aquilo que está na origem do seu ser. Quanto à sabedoria, seu desejo a impulsiona a lançar-se audaciosamente em frente. Mas o limite (Hórus) a preserva de errar na profundeza infinita do Pai mantendo-a fora do mundo espiritual". No mito valentiniano, não são Adão e Eva que são expulsos do paraíso, e sim a sabedoria, ao passo que sua metade masculina, o amado, permanece na plenitude. A sabedoria está exilada no vazio sem conhecimento, vazio que ela própria criou por sua transgressão. Em memória do Altíssimo, ela gera Jesus. Mas ele se lança em direção ao reino do Espírito, lá onde a sabedoria não pode segui-lo, pois o limite a impede. Ela encontra-se só, no vazio, prisioneira da tristeza e da angústia, e diante da causa fundamental de seu sofrimento: a ignorância. Após ter suportado tantos tormentos, ela implora a ajuda de Jesus, o que comove todos os éons, que por sua vez, imploram ao Pai para libertá-la de sua aflição. Em seguida, o Pai cria o Espírito Santo, que instrui os éons sobre qual atitude adotar em relação ao Pai e restabelece a calma no pleroma. Em reconhecimento à sua boa ação, a plenitude dos éons vai criar, com base no que cada um deles tem de mais belo e radiante, um ser espiritual da mais perfeita beleza: Cristo. Este é enviado com seus anjos ao espírito-do-mundo em exílio: a sabedoria. Note-se o quanto, no mito valentiniano, os conceitos de Pai, Filho, Espírito Santo e Cristo são mais ressaltados do que no ensinamento cristão tradicional."Cristo liberta a sabedoria de seus sofri-

mentos que a prendem à matéria indeterminada. Seu desejo de beatitude dá nascimento à alma do mundo, sua aflição gera a terra, sua tristeza, a água, sua angústia, o ar, e em todos esses elementos surge a ignorância que se transforma em fogo." Vemos que esse processo de redenção começa pela aparição, no vazio, dos quatro elementos: terra, água, ar e fogo. "Liberta de seus temores, a sabedoria recebe com alegria e júbilo a imagem dos anjos que acompanham Cristo e, inflamada pelo amor, fecundada por sua imaginação, ela cria, à

Agora começa indiretamente a futura criação do homem: com base na substância da alma, a sabedoria cria o "demiurgo", um ser divino, à imagem do Pai, e que em conseqüência dará forma a tudo que existe, furtivamente influenciado por sua mãe, a sabedoria. Ela gueria, na verdade, moldar o universo em honra dos éons fazendo do mundo visível o símbolo do mundo invisível.

semelhança deles, os filhos espirituais."

A fórmula hermética adquire, então, todo seu sentido: "assim como é em cima, assim é embaixo." Em As lembranças que o Apóstolo João guarda de Jesus, texto que faz parte dos Atos dos Apóstolos apócrifos, está escrito: "O Senhor fez símbolos de todas as coisas. Depois que o demiurgo formou o céu e a terra com a ajuda dos quatro elementos, ele fez o ser humano e insuflou-lhe uma alma. Mas, em segredo, a sabedoria associou-lhe uma criança espiritual sem que o demiurgo o soubesse. Assim, o demiurgo serve de canal por onde passa o espírito no corpo e na alma do homem, a fim de que ele seja levado a termo como no ventre materno, se

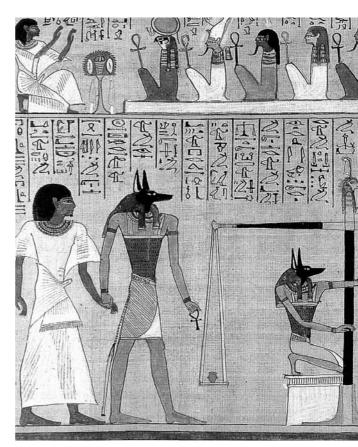
desenvolva e se encontre pronto a receber a palavra de Deus, que é Cristo. Assim que todos os seres espirituais forem salvos, eles retornarão com sua mãe, a sabedoria, à plenitude onde, tornados éons espirituais, poderão contemplar o Pai".

Assim é o mito de Valentino. Trata-se de dois campos de vida separados: de um lado, o mundo espiritual, o pleroma; de outro lado, o mundo transitório, manifestado para oferecer à sabedoria exilada uma possibilidade de retorno ao mundo espiritual. Graças à sua imaginação, a sabedoria reúne os filhos espirituais (que ela criou à imagem dos anjos que circundam Cristo) a uma alma e a um corpo terrestres e ao caminho de experiências através da matéria.

O homem mortal é, em suma, um instrumento, um órgão de percepção, com a ajuda do qual a imaginação da sabedoria pode fazer experiências. Quando todos os filhos espirituais, escondidos pela sabedoria dentro dos seres humanos, tiverem recebido Cristo e forem libertados, a sabedoria retornará com eles ao pleroma.

No mito de Valentino, a natureza dupla do homem é explícita: por um lado ele é constituído de pó e condenado a retornar ao pó; por outro lado, ele é o filho espiritual da sabedoria, portador de uma centelha divina oculta. Nossa alma terrestre não é consciente de nosso companheiro divino, tanto quanto não foi o demiurgo das manobras secretas de sua mãe. Apesar de tudo, temos a faculdade de sentir a influência da centelha divina que está em nós. O que resulta da alma natural é o instinto de conservação como consequência da influência da sabedoria.

Mas o homem existe sobretudo pela alma que o demiurgo lhe insuflou; muito de sua energia será utilizada para se conservar segundo sua concepção do mundo: ele cuida de sua saúde, de suas relações, de sua profissão, de seus bens, de seu passado e outras coisas transitórias. Mas os éons e a sabedoria almejam conhecer o domínio insondável da plenitude, do mundo divino. É nisso que podemos



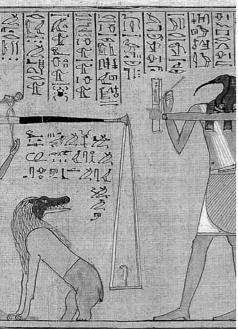
#### O coração puro

Em uma carta de Valentino, lemos o seguinte:

"Há um Bem único, que se manifesta livremente mediante o Filho. Apenas por meio dele o coração pode se purificar, e isso apenas quando a essência do mal é dali extirpada. Agora, sua pureza está obstruída por várias essências que fizeram morada no coração, pois cada uma delas executa sua própria ação, oprimindo-o de diversas maneiras, mediante desejos impróprios. Assim, a impureza do coração foi negligenciada durante tanto tempo, que agora ele é a morada de numerosos demônios. Mas, quando o Pai Todo Bem observa o coração, ele o santifica e o ilumina. E quem possui tal coração é tão abençoado que 'verá Deus'''.

Possuir um coração tão puro que possa ver Deus continua sendo uma realidade para os cristãos valentinianos. Valentino não se refere ao coração como órgão físico, mas como centro espiritual de sabe-





doria que se situa no mesmo nível que o coração físico.

Num outro texto, ele declara: "Muito do que está escrito nos livros de hoje encontrava-se na igreja de Deus. Porque esses ensinamentos fragmentários são as palavras procedentes do coração, a lei escrita no coração. Trata-se aqui do grupo dos 'bem-amados', que são por ele amados e que o amam'.

Quem é o bem-amado? O "ser" no coração, a centelha-de-luz espiritual, o eterno peregrino que reencarna na matéria. Os que trazem em si esse princípio vivente e consciente são homens espirituais (pneumáticos).

"Pois os gnósticos sabem que existem seres espirituais originais que vêm habitar as almas e os homens de luz. Antes da queda no mundo dos sentidos e do pecado, eles se encontravam no mundo espiritual superior. Agora, graças ao autoconhecimento, eles se apressam a regressar, redimidos e libertos do mundo inferior. Todos nascemos, mas nesse momento renascemos no mundo do Espírito".

É-se um gnóstico quando se sabe, por revelação, qual é o seu ser autêntico e sua verdadeira essência. As outras religiões são orientadas para Deus de diferentes maneiras. Os gnósticos se orientam para o interior de si próprios. Interessam-se pelas particularidades mitológicas referentes à origem do universo e da humanidade unicamente como expressões de si mesmos e fonte de autocompreensão.

"Abandona a busca de Deus, da criação e de outras coisas similares. Busca-o examinando a ti mesmo. Aprende quem é aquele que torna suas todas as coisas e

Nos mistérios egípcios, o coração humano é pesado diante do trono de Osíris. No outro prato da balança a pluma de Ma'at simboliza "a verdade e a harmonia". diz: Meu Deus, meu pensamento, minha alma, meu corpo. Descobre a origem de tuas preocupações, de tua alegria, do teu amor do teu ódio. Pondera de que maneira olhas-te, zangas-te, ressentes amor e paz sem que o queiras. Quando tiveres observado cuidadosamente essas coisas, encontrá-lo-ás, em ti mesmo." declara Monoimus, autor gnóstico do século II. E o Pai da Igreja, Irineu de Lyon\*, escreve a respeito de Valentino e dos gnósticos: "Acreditam de fato que o conhecimento da inexprimível grandeza constitui a perfeita remissão. Pois, segundo eles, as imperfeições e as paixões provêm da ignorância; a Gnose desagrega a substância que as constitui; e é por isso que a Gnose liberta o homem interior. Este não é, por conseguinte, de natureza material ¬– com efeito, o corpo é mortal – e muito menos de natureza animal. Por essa razão a libertação deve ser de natureza espiritual, pois a alma animal é o resultado das imperfeições, mas é a morada do Espírito. A libertação deve, portanto, ser de natureza espiritual, pois confirma que o homem interior e espiritual foi expiado pela graça da Gnose e que os que alcançaram a Gnose de todas as coisas já nada desejam. Aí está a verdadeira libertação".

Atualmente começa-se a reconhecer as origens gnósticas do cristianismo. Conseqüentemente, Valentino deve retomar o lugar que merece como um dos mais importantes representantes da Gnose do início da era cristã. A idéia gnóstica da libertação interior e autônoma do ser humano continua ativa dentro da vasta perspectiva da espiritualização de sua consciência na força de Cristo.

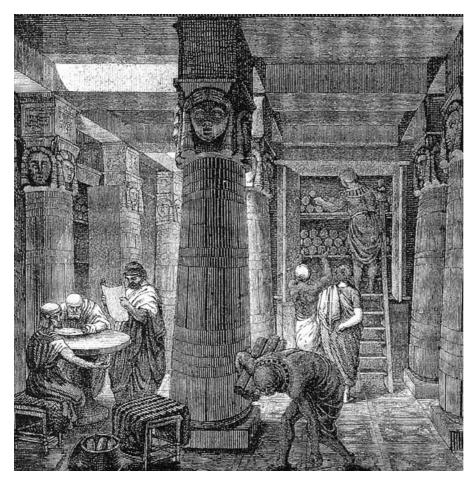
identificar a influência do filho espiritual em nós: muitas pessoas buscam sua origem e o mistério da vida. A ciência constitui uma resposta coletiva a essa busca. A religião testemunha o desejo de nos "religarmos" ao plano da eternidade, de encontrar a libertação e retornar à pátria perdida. A criação artística traduz o desejo exaltado de um ideal ainda desconhecido, como atestam as estátuas gregas de proporções perfeitas, as evocações bíblicas em

te animados pelo demiurgo, não experimentaríamos como ruim a dor que acompanha a luta pela vida, e a aceitaríamos como inevitável. No entanto, como temos em nós uma centelha de sabedoria, temos uma idéia secreta, latente, de que a dor do mundo não é inevitável, que a simples vida animal é, na realidade, bem inferior a nós, e que não devemos nem podemos nos conformar com ela. A alma sofre quando temos consciência de nossa



alguns quadros e as composições musicais que exprimem a nostalgia de uma pátria perdida. No entanto, ciência, religião e arte - cabeça, coração e mãos - já não reagem de maneira consciente à centelha-do-espírito que habita secretamente em nós, à obra da sabedoria que nos inspira. Quem é animado pelo sopro do demiurgo emprega grande parte de sua energia para manter a si mesmo e a imagem que faz do mundo, preocupa-se então com todos os elementos puramente terrestres enumerados acima e com muitos outros ainda; sem contar que, na maior parte do tempo, seu instinto de conservação faz que ele veja no outro um adversário. Por outro lado, o desejo de defender sua vida leva depressa e inevitavelmente à luta, à clássica "luta pela vida" de Darwin. Se estivéssemos simplesmen-

nobreza perdida. E saber que "outra" existência puramente espiritual foi outrora nosso quinhão, e disso somos mais ou menos conscientes, nos faz pensar que deve ter acontecido algo com uma "queda", o que explica que erramos em um mundo que não é o nosso. Um dos traços fundamentais da criação é a infinita multiplicidade: não encontramos duas folhas iguais em uma árvore, nem dois caules de grama perfeitamente iguais em um campo. Essa diversidade abundante de formas é própria também da humanidade. Cada indivíduo reage de modo diferente às duas influências contrárias que o penetram. Esse algo não terrestre que inquieta o indivíduo faz dele uma criatura terrestre descortês. Sempre de novo o meio ambiente deve pagar caro o sofrimento do qual ele quer se libertar

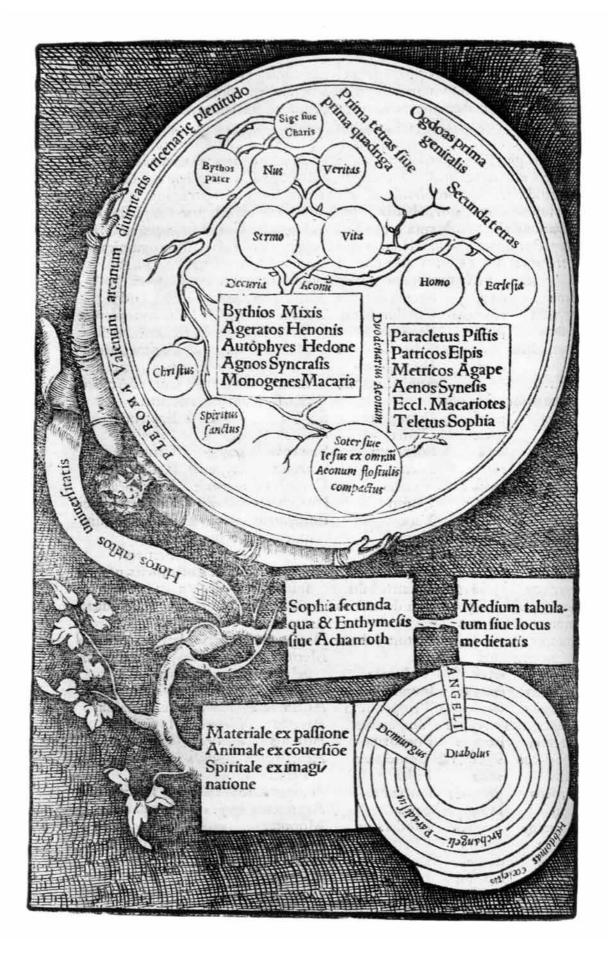


A antiga biblioteca de Alexandria.

de todas as maneiras possíveis. A solução desse problema não estará longe se o homem puder tornarse um instrumento suficientemente maleável para realizar em si "o filho espiritual da sabedoria", o qual é coroado quando a imagem que ele faz de si mesmo se religa a Cristo. Inconsciente desse apelo que lhe vem de muito alto, o ser humano imagina que todos os objetivos que persegue são extremamente importantes, e repete constantemente: "o fim justifica os meios", mesmo se seus objetivos, levando tudo em consideração, favoreçam seu instinto de conservação, ou apenas seu puro egoísmo. No conjunto, vemos que o poder mental que nos é dado para sondar o plano divino é empregado visando a luta pela vida. Esse poder é cultivado de maneira refinada, mas cristalizada, e nós o medimos em relação à engenhosidade com que fabricamos armas. É preciso reagir à influência que a centelha divina exerce sobre nós, mas em geral essas reações são inteiramente caricaturais.

A história prova que poucas pessoas percebem por si próprias o verdadeiro objetivo da vida e seu sentido verdadeiro. No entanto, como no mito de Valentino, a sabedoria crística vem em nossa ajuda: ela se revela em momentos determinados, logo que a humanidade alcança psicologicamente certa maturidade. Ela é então enviada

a pessoas que, desde seu nascimento, são conscientes da presença do "Outro" em si mesmas. Essas pessoas tornam-se assim provas vivas da existência dos dois mundos, da força e da ação da nova alma no ser humano, o que provoca a admiração tanto de seus amigos como de seus inimigos. Elas nos colocam novamente em contato com o ensinamento das duas ordens de natureza, e simplesmente nos mostram nosso lugar e nossa vocação no centro da criação. Freqüentemente falamos sobre a atual passagem da era de Peixes para a era de Aquário, período no qual se verá quem possui ou não a nova inspiração. Desde o começo desta era, logo após a Segunda Guerra Mundial, verificamos que certos acontecimentos produziram-se quase ao mesmo tempo: Gilles Quispel aprofundou as doutrinas de Valentino segundo o que Irineu disse sobre o assunto; nas areias do Egito, em Nag Hammadi, foram descobertos 52 manuscritos de origem gnóstica; em seguida, J. van Rijckenborgh, a exemplo dos que acompanham os seres humanos no caminho da libertação da alma, interveio e revelou o cristianismo vivente da Rosacruz Áurea.



# HOMAX THE STATE OF THE STATE OF

Éon perfeito

Eon perfeito				
Primeira Tetras	Abismo	Silêncio		
	Abyssos	Sigè		
	Consciência	Verdade		
	Noûs	Alètheia		
Ogdas Segunda Tetras	Palavra	Vida		
	Logos	Zoe		
	Homem	Comunidade		
Seg	Anthropos	Ecclesia		
	Profundeza	Mistura	Consolador	Fé
	Bythius	Mixis	Paracletus	Pistis
	Eternidade	União	Paterno	Esperança
	Ageratus	Henosis	Patricus	Elpis
	Autônomo	Prazer	Materno	Amor
	Autophyes	Hedone	Metricus	Agape
	lmóvel	Fusão	Consciente da	Noção
	Acinetes	Syncrasis	eternidade	Synesis
	Unigênito	Bem-aventurança	Ainus	Bem-aventurança
	Monogenes	Macaria	Profetizando	Macariotes
			Ecclesiasticus	Sabedoria
			Amado	Sophia
			Theletus	

Esquema do pleroma segundo Valentino em Tertulianus. Basiléia: Opera, 1539. Em: Quispel, G. Valentinus de gnosticus en zijn Evangelie der Waareid. Amsterdã: De Pelikaan, 2003.

Esperamos até 1995 por uma edição completa em holandês dos textos de Nag Hammadi, e o mito da criação de Valentino por Quispel só apareceu em 1985, após investigação de Attridge e Pagels. Logo após a guerra, a Rosacruz Áurea fez aparecer uma torrente de publicações onde o ensinamento das duas ordens de natureza foi

publicamente proposto aos pesquisadores, e se transformou em uma Escola Espiritual autônoma através da qual a Luz chega ao mundo. Em muitos dos que chamamos países "ricos", as condições materiais assim como a liberdade de expressão quase atingiram um ponto de saturação, jamais antes ultrapassado. O mundo não pode oferecer muito mais do que já adquirimos. Paralelamente à industrialização e à democratização, desde o fim do século XIX, ocorre intensa busca espiritual, tanto nos movimentos esotéricos como nos setores da ciência acadêmica. O resultado é que a realidade manifestada nos é apresentada como em uma bandeja. Do tratado hermético Do castigo da alma\* extraímos esta citação que se refere precisamente ao homem de Aquário: "Este mundo material daqui de baixo, ó alma, é a morada dos desejos insaciados, do medo, da indignidade e da aflição; no alto encontra-se o mundo do espírito, do repouso, inacessível ao medo, que testemunha de uma dignidade e de uma alegria elevadas. Tu vês esses dois mundos, tu vives nesses dois mundos. Faze agora uma escolha de acordo com tua experiência. Nos dois podes morar; por nenhum dos dois serás rejeitada ou abandonada. Mas, para um homem, é impossível ser atormentado pelos desejos insaciados e ao mesmo tempo estar em paz, subir e ao mesmo tempo descer, estar alegre e ao mesmo tempo abatido. No homem, o amor por este mundo e o amor por outro mundo não podem se unir. Isso é impossível" o

\*Trismegistus, H. Do castigo da alma. Jarinu: Editora Rosacruz, Série Cristal I, 2004.

## Viver ou ser vivido

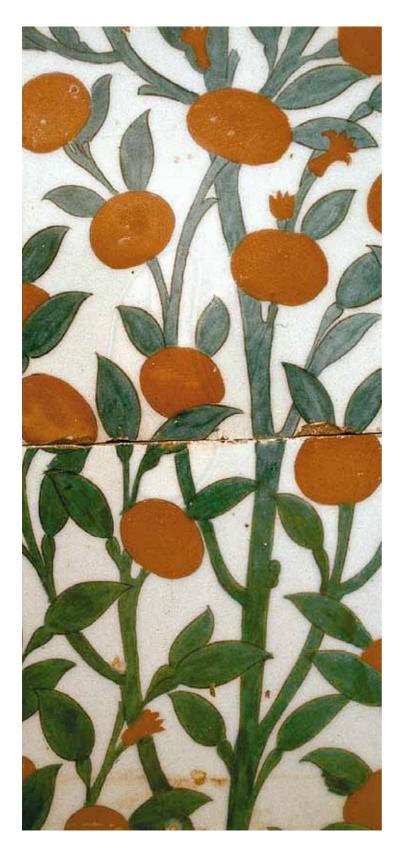
Pouco importa a complexidade do ser humano, é possível defini-lo em duas palavras simplesmente: exterior e interior. Na interação desses dois aspectos contrários, encontra-se o que chamamos a pessoa, o "eu".

egundo os ensinamentos universais seculares, nosso mundo é sétuplo, o ser humano também, assim como sua interação com o mundo. Em cada plano de seu ser natural, do mais grosseiro ao mais sutil, existe a atividade de assimilação e em seguida de expressão. Esses dois simples parâmetros, aspecto interior e aspecto exterior, oferecem um amplo leque de necessidades, qualidades e capacidades. Trata-se de tudo o que é elaborado, assimilado, transformado interiormente e depois projetado, ou mais ou menos, para o exterior, no meio ambiente.

Os seres humanos absorvem alimentos sólidos ou líquidos, que se transformam em substâncias necessárias para o seu crescimento, manutenção e regeneração - e o resto é eliminado. Eles inspiram ar, cujo oxigênio passa pelo sangue, e expiram gás carbônico. Suas impressões criam seus pensamentos, que, por sua vez, buscam um terreno propício para se exprimir como decisões, fala e ação. A influência dos homens, dos animais e dos vegetais que nos circundam, assim como as estações, a lua, as estrelas e os planetas nos atingem diretamente e determinam nossos modelos de comportamento; vibrações e radiações mudam nossos humores sem que compreendamos exatamente o mecanismo. Seria nosso ser natural uma espécie de transformador? Ou serviria ele passivamente de passagem para todas as forças e influências que nos tocam?

À primeira vista, essa interação entre interior e exterior só é controlada de forma muito restrita. O controle do beber e do comer não causa muito problema para a maioria de nós. Em relação à visão e à audição é mais difícil, entretanto enxergar não é obrigatoriamente ver, e escutar não é necessariamente ouvir. O controle das sensações como o frio e o quente, o seco e o úmido, o duro e o mole, é quase impossível. Com o cérebro como canal de entrada de dados, o verdadeiro trabalho começa: para as idéias, as impressões, as informações, etc., que filtro usar? Especialmente para escolher o meio onde vivemos, suas interpretações, a literatura que lemos, nossas relações sociais, e isso partindo do princípio de que podemos escolher! Fica ainda mais difícil imaginar como proteger as vias de acesso sutis: os chacras, o coração com suas emoções, suas impressões, as influências etéricas e astrais que o tocam.

De todas essas coisas que nos penetram acreditamos que as únicas que merecem nossa atenção são as que dão resultados no plano material. Que posicionamento tomamos diante desse assunto? Interior, exterior: o que somos neste instante? Uma planta que absorve água, luz, minerais, que produz uma flor, murcha e vira comida para a próxima planta? Essa questão parece acadêmica, mas é bastante útil estudar o processo dos vegetais. Devemos partir do fato de que os minerais, vegetais, animais e homens representam os quatro estágios do campo de desenvolvimento que chamamos de natureza, um campo de desenvolvimento estreitamente ligado ao universo, um universo organizado, cumprindo um objetivo, e que absolutamente não apareceu por acaso. À primeira vista, essa contribuição de uma única planta com sua flor é negligenciável. Mas se considerarmos que o reino vegetal é a diversificação exponencial do processo da planta, tudo muda.



"Assim, vesti-me com trajes egípcios, para que ninguém suspeitasse de mim que eu viera de longe apanhar a pérola, para que os egípcios não despertassem a serpente contra mim.

Contudo, por algum motivo eles descobriram que eu era um estrangeiro.

Com seus ardis seduziram-me a comer do alimento de seu país.

Assim, esqueci que eu era filho de rei e servi o rei dos egípcios.

Esqueci a pérola que meus pais me haviam enviado buscar. E por conta de seu alimento pesado, caí em sono profundo."

(Fragmento de: A canção da pérola Atos de Tomé)

O FIM DE UM IDÍLIO A questão é importante: só há uma planta, mas ela tem inúmeras formas. Baseando-nos em todas essas formas individuais, podemos supor uma evolução vegetal até o estágio de plantas que se movem livremente e, então, passam ao reino animal. O homem descende dos animais? Talvez ele deva aos animais sua forma atual, mas certamente não seu ser interior, a princípio supranatural e divino.

O que o homem natural tem de espiritual não

e constituição. Nossa planta chega também à maturidade e perfeição absorvendo os elementos necessários presentes em seu meio ambiente. Chega então o dia em que ela segue uma nova fase: o que era centrípeto torna-se centrífugo; as matérias e energias absorvidas retornam ao ciclo da natureza na forma de odores, beleza, de elementos destinados à conservação da espécie e das formas de vida superior.

No homem, esse processo é desviado. Dotado de

O que o homem natural tem de espiritual não lhe provém dos animais, nem dos vegetais, nem dos minerais, mas sim da natureza fundamental

lhe provém dos animais, nem dos vegetais, nem dos minerais, mas sim da natureza fundamental, entretanto os aspectos superiores do espírito ainda estão ativos nele. Na sua forma natural, ele vive como um mineral, uma planta, um animal, mas o que o torna humano é o brilho luminoso do espírito, ao qual ele outrora pertencia conscientemente. Outrora? Certamente, pois hoje essa imagem idílica está terrivelmente destruída. Lá, onde, nos reinos inferiores, a relação entre interior e exterior leva ao crescimento e a uma relativa maturidade, de acordo com seus respectivos graus de evolução, verificamos que, no homem, o crescimento interior foi travado pela instabilidade do ritmo interior/exterior, e isso mesmo tendo ele possuído originalmente um mecanismo autoregulador natural que assegurava sua boa evolução

inteligência, cedo ele teve a idéia de corrigir a passagem do interior para o exterior de acordo com as normas de sua consciência no momento. É dessa forma que vemos o interior, o centrípeto, cultivado para as mais sutis formas, tal como a planta. Mas a comparação pára por aí. Em vez de se alinhar à planta e na maturidade inaugurar a fase centrífuga, observamos no ser humano uma forte tendência a se servir do resultado de tudo o que foi assimilado como um novo capital, um investimento a fim de fazer crescer o interior: não somente na forma de posses materiais, mas principalmente valores imateriais superiores como o poder, a consideração, o conforto, valores que ele geralmente considera, junto com a saúde, como "felicidade". O que, aliás, é verdadeiro, até certo ponto.



UMA NOVA ORIENTAÇÃO Mas até que ponto? Falávamos da maturidade dos diferentes reinos mineral, vegetal e animal. A maturidade do homem do qual queremos falar não é a finalização da forma natural, mas a maturidade e a inteligência da personalidade humana, que ultrapassam em muito a dos animais; elas podem se elevar muito e atingir um limiar, uma passagem para uma realização ainda mais elevada. O ser humano que progride em direção a uma verdadeira maturidade experimenta, de um lado, que suas capacidades não podem passar desse limiar e, de outro, descobre que para além desse limite existe uma realidade, um oitavo plano, poderíamos dizer, aparentando ser diametralmente oposto à natureza, mas que se faz conhecer e traz um insight dessa imortalidade que ele pressente existir e procura há tanto tempo.

Essa consciência crescente pode suscitar pouco a pouco uma reviravolta completa, e uma nova orientação que traz interiormente algo de totalmente novo, algo como uma luz que faz brilhar, no coração, o cristal que não é desse mundo. E então abre-se a perspectiva da imortalidade do ser. A LUZ É AMOR É com precaução e muito progressivamente que a luz abre suas fontes à medida que aquele que a busca pode suportar. "Quando o aluno está pronto, o mestre aparece." À medida que o aluno abandona a compreensão e as aspirações do velho homem, a luz edifica o novo homem, tanto demolindo-o e purificando-o, quanto reestruturando-o e regenerando-o. A antiga orientação interior/exterior fica desinteressante, ainda que mantendo toda a alegria. O dom habitual do princípio da dualidade comum, do interior para o exterior, ganha um significado totalmente novo. De forma decisiva, esse dom faz, apesar de tudo, parte do grande todo. "Dai e dar-se-vos-á", esse é o convite que nos faz o reino interior que cresce dentro de nós. A resposta a esse convite guarda em si a verdadeira felicidade. Quem alcança dessa forma a "quintessência" do ser humano conhece sua origem, traspassa a matéria, encontra seu verdadeiro lugar, seu verdadeiro destino como indivíduo e expoente da humanidade vivente: é o servidor que prepara a casa para o "Outro" em si e reparte a luz com todos os que se aproximam da casa 3

# Deus e DNA ou Deus no

SOPA PRIMORDIAL Francis Crick, um dos cientistas que descobriu a hélice dupla do DNA, fez a seguinte pergunta, em uma conferência: "Mas, afinal, o que veio antes: o DNA, o RNA ou tudo começou com a proteína?" Segundo uma das teorias, o DNA surgiu quando minúsculas partículas, menores que moléculas, se coagularam nos oceanos primordiais e formaram uma espécie de sopa primordial. Nesse momento, foram constituídas longas correntes, que foram se aglomerando cada vez mais às moléculas que acabaram formando a hélice dupla do DNA, considerada pela ciência atual a base da vida existente no planeta. Em 1953, os químicos Stanley Miller e Harold Urey faziam experiências em um laboratório quando obtiveram aminoácidos com a utilização de uma atmosfera equivalente à sopa primordial, que corresponderia às mesmas condições em que a Terra surgiu. Portanto, supunha-se que a atmosfera original era completamente diferente da atual. Miller utilizou compostos redutores, como o metano e o amoníaco. Mas, atualmente, os cientistas acham que a atmosfera original era composta sobretudo de monóxido de carbono, dióxido de carbono e de nitrogênio. Quando Miller refez sua experiência com essas substâncias, surgiu apenas uma pequena quantidade

# DNA?

A ciência afirma que o DNA é o princípio que dirige a vida. Seria possível dizer que essa descoberta é notável para a consciência humana. Como o ser humano já ultrapassou, finalmente, sua infância, conseguirá ele sair da impotência e do medo rumo à descoberta de uma energia desconhecida chamada *Deus*? Chegará ele, finalmente, a compreender que Deus e homem, vida e natureza, sua consciência e seu processo de desenvolvimento são uma coisa só?

de aminoácido do tipo mais simples: a glicina. "Final da história! É o que eu digo", declarou o astrobiólogo Oliver Botta, em um artigo recente, publicado na revista Bionews. "Mas isso não é tudo. As reações químicas obtidas por Miller em sua primeira experiência realmente aconteceram – mas não na Terra primordial. Elas aconteceram nos asteróides e talvez nos cometas. É aí que se encontram os elementos redutores que Miller utilizou na primeira vez.

Eles estão no espaço interestelar. Esses elementos primitivos são recolhidos pelos asteróides. Neles, suas reações são idênticas às que Miller obteve em suas experiências e fazem surgir aminoácidos." O surgimento dos aminoácidos no espaço traz um problema: eles não são estáveis quando estão sob a influência da luz. "Aminoácidos precisam se esconder no interior de um corpo planetário, como um asteróide por exemplo. Isso significa que os meteoritos que caem na Terra poderiam conter elementos construtores da vida. Isso sempre aconteceu, pois de fato encontramos esses elementos nos meteoritos. A principal questão nessa área de pesquisa específica é, portanto: esses corpos vêm de fora ou é a própria terra que os produz? Na universidade de Leyde há estudos que dizem que esses elementos, ou materiais de construção, são produzidos fora da Terra. Portanto, a vida como nós a conhecemos - o DNA, o RNA, a proteína - provavelmente não começou dessa maneira. Hoje, acham que o PNA, o ácido nucléico peptídico, que é uma molécula grande e

complexa, desempenhou importante papel nessa história.

Um outro problema é que deve ter havido um mecanismo que continuamente quebrasse a hélice para que o ciclo se perpetuasse. Por volta de 5O graus Celsius, as espirais individuais formam uma espécie de mola, à qual outros átomos vêm se juntar. A uma temperatura de cerca de 100 graus Celsius, a mola e a molécula se desacoplam e, por causa disso, o número de moléculas é duplicado. Quando a temperatura é mais baixa, tudo recomeça como antes. O número de réplicas multiplica-se exponencialmente. Quarenta ciclos produzem um trilhão de cópias idênticas.

UMA LUA COMPLETAMENTE DIFERENTE É provável que a lua desempenhe um papel muito importante no surgimento e na manutenção da vida. Richard Lathe, um especialista em moléculas da Universidade de Edimburgo levantou a seguinte hipótese: um bilhão de anos depois do surgimento de nossa Terra, a lua dava uma volta em torno dela a uma distância bem mais curta – o que com freqüência devia provocar enormes fluxos e refluxos de marés. As linhas costeiras ficavam submetidas a variações rápidas de sua salinidade. Isso deve ter provocado incessantes fusões e rupturas da dupla corrente de moléculas. Quando as marés mais violentas atingiam a costa, a concentração de sal era provavelmente muito baixa. Até mesmo a dupla hélice de DNA atual se rompe em circunstâncias análogas porque, além

disso, os grupos de fosfatos carregados eletricamente se repelem uns aos outros em cada espiral. O refluxo teria produzido grandes concentrações de moléculas primitivas e depósitos de sal. Mas, como as grandes concentrações de sal neutralizam as cargas de fosfato do DNA, isso só poderia ter um efeito positivo na formação das moléculas em hélices duplas como as do DNA.

Esses ciclos incessantes da salinidade, assim como as temperaturas sempre mutantes, teriam multiplicado algumas moléculas, como o DNA. Portanto, as marés teriam desempenhado, na matéria, um papel preponderante. O sol também exerceu, certamente, sua influência sobre as marés, mas em menor proporção. Há três milhões e meio de anos, ele era, com certeza absoluta, bem menor. É evidente que a energia solar desempenhou um grande papel nos acontecimentos mencionados acima. Comparado à sua situação atual, o sol não se encontrava, como a lua, muito mais próximo da

#### NÃO SE TRATA UNICAMENTE DE MATÉRIA O

DNA não tem razão de existir sem a vida e a vida não teria como existir sem o DNA.

Esta é a grande questão que não pode ser respondida unicamente com base no plano material - uma questão para a qual a ciência contemporânea não consegue dar uma resposta exata. Cada vez mais surgem cientistas que acham que é preciso que um parâmetro desconhecido venha intervir nessa questão.

O astronauta Fred Hoyle declara: "Ao invés de acreditar na probabilidade ínfima e inacreditável de que a vida se deve às forças cegas da natureza, parece que é mais passível de se admitir - ou pelo menos é menos inacreditável de reconhecer – que um princípio inteligente, consciente da finalidade de sua ação realmente estava presente na origem de tudo."

O filósofo Anthony Flew afirmou, em dezembro de 2004: "A única boa explicação para o surgi-

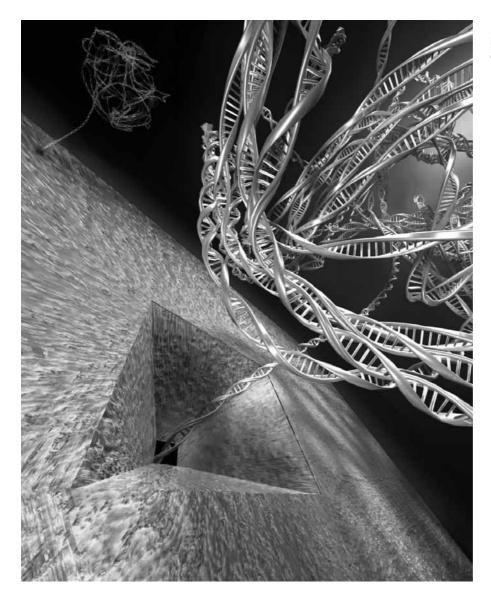
## Seja quem o homem for, em seu sistema há um lugar para Deus

Terra.

Como foi dito, sem o DNA não há vida. Da ameba monocelular até a enorme baleia, o DNA é o componente principal e é ele quem assegura e mantém a vida, qualquer que seja a sua forma. A teoria de Lathe explica o papel da lua na primeiríssima propagação de vida pela divisão das células do DNA, mas a origem em si ainda continua sendo um ponto de interrogação. Com base nesse modo de considerar as coisas, o milagre da criação e o surgimento da vida tais como são expostos na Doutrina Universal de todos os tempos - que nos serviram de ponto de partida - estão fora de cogitação. Afinal, estamos falando, aqui, de teorias puramente científicas.

mento da vida e o caráter complexo da natureza é a existência de uma superinteligência, de uma força criadora desconhecida." Sua definição de Deus parece um pouco com a da tradição judaico-cristã e islâmica, que ele descreve assim: "um déspota oriental com poder absoluto - um Sadam Hussein cósmico".

Já Einstein afirma que "Deus se manifesta nas leis do universo como espírito infinitamente superior ao nosso espírito e diante dele, devido a nossas possibilidades restritas, devemos manter extrema modéstia." Ele concorda com Espinosa, para quem "aquele que conhece a natureza conhece Deus; não porque a natureza seja Deus, mas porque a abordagem científica da natureza conduz a Deus".



Reprodução científica do DNA.

A RELIGIÃO DO DNA Tudo o que o homem nunca compreendeu e nunca vai compreender (assim como as forças da natureza que o atemorizavam e continuam a atemorizá-lo) ele sempre atribui à "vontade de Deus", e muitos pensam assim até hoje. A religião é tão antiga quanto o homem. Alguns neurologistas e cientistas localizam a idéia do divino em determinado local do cérebro. A sensibilidade do indivíduo aos impulsos espirituais dependeria do DNA. Foi estabelecido que o gene VMAT2 que compreende um C é um fator de sensibilidade à espiritualidade mais que, por exemplo, um gene que compreende um A. De qualquer modo, haveria um lugar para Deus no sistema humano.

Paul Davies, chefe de um grupo de pesquisadores da Universidade do Estado do Arizona, expõe em seu último livro o fato embaraçoso de que muitos aspectos fundamentais do universo físico parecem ter como finalidade fazer que se produza o surgimento da vida. Ele parte do princípio de que a aptidão do universo para gerar uma vida inteligente não é acidental, mas que, pelo contrário, representa uma evolução lógica. Isso apresenta o seguinte problema: a concepção do universo implica a existência de um criador inteligente?

Ele termina concluindo que deve haver, no cosmo, uma espécie de princípio vital não-definido. E acrescenta que "sente isso mais no coração do que na cabeça."

A CABALA Os pesquisadores que se dedicam a certa interpretação da cabala concluem que cada célula humana conserva o código do nome da divindade. Eles chegam até mesmo a estabelecer ligações entre certas letras dos antigos alfabetos hebreu e árabe com os elementos fundamentais do DNA: hidrogênio, nitrogênio, oxigênio e carbono. Nessas línguas, nosso código genético "traduz" o antigo nome da divindade. E esse nome (portanto esse código) está gravado em todos os seres humanos, quaisquer que sejam suas crenças, ações, estilo de vida, religião, condição social. Essa relação foi feita há pelo menos doze mil anos antes que a ciência atual pudesse verificá-la. Eis o que nos transmitem os antigos textos sagrados, como o livro hebreu Sefer Yetzirah.

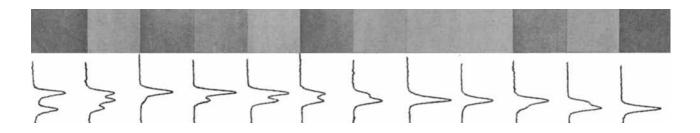
O budismo parte da idéia de que tudo evolui, se transforma e acaba se desintegrando. Os pensadores budistas sempre admitiram que o universo era muito velho, teria mesmo milhões de anos, mas eles não tinham nenhum mito da criação que correspondesse aos da tradição judaico-cristã. No entanto, eles têm certeza de que os homens, assim como os animais, têm uma consciência que sobrevive à morte.

O hinduísmo situa-se um pouco mais próximo da ciência moderna. Ele fala da roda do tempo que gira sem parar, indefinidamente, de acordo com ciclos sucessivos nos quais todas as coisas sobem, brilham e tornam a cair sem cessar. Nessa cosmologia, é normal pensar que os universos se sucedem em uma série de criações e aniquilamentos. Da mesma forma, a alma passa por toda uma série de nascimentos e mortes (samsara).

pelo menos três correntes diferentes, que foram passados para a escrita no século sexto antes de Cristo por sacerdotes judeus e que descrevem literalmente o surgimento do mundo. Eles consideram o plano de Deus atemporal e imutável, uma vez que nada liga os vegetais e os animais; que o mundo foi criado por volta de 4004 antes de Cristo, no espaço de uma semana. Eles dão muita importância ao fato de que existe uma diferença absoluta entre os homens e os animais, ao contrário dos adeptos da evolução, para quem o homem descende do macaco.

#### Há diferenças entre:

1 – Os jovens criacionistas, que pensam que a teoria da evolução é cientificamente insustentável e não passa de uma tentativa de justificar o ateísmo. Eles se baseiam na autenticidade dos textos da Bí-



O CRIACIONISMO Na Europa, tanto o mundo científico como a opinião pública em geral concordam com a teoria da evolução. A situação é completamente diferente nos Estados Unidos. Nesse país há uma profunda controvérsia sobre tolerâncias religiosas e filosóficas e grandes contrastes entre fundamentalistas e modernistas. Lá, um grupo crescente de cristãos fundamentalistas (que não aceitam a teoria da evolução) se faz ouvir cada vez mais fortemente...

Em matéria de dogmas, os cristãos vão muito além, e os criacionistas se opõem à idéia de evolução. Eles baseiam-se no princípio de que os velhos mitos e lendas reunidos do antigo judaísmo existem na Mesopotâmia, que eles representam

blia e interpretam ao pé da letra a narrativa sobre a criação, acontecida há menos de dez mil anos. 2 – Os velhos criacionistas, que partem do ponto de vista de que os processos naturais do passado obedeciam às mesmas leis de nossos dias. Eles dão à terra uma idade bem maior e interpretam o Gênesis de forma bem diferente.

3 – Os criacionistas progressistas, para os quais o gênero humano não pára de mudar e evoluir, e que acreditam ser esse processo continuamente dirigido por Deus. Eles têm opiniões divergentes sobre o modo como acontece essa ou aquela operação.

David A. Kaufmann, da Universidade da Flórida, que é adepto dessa última opinião, diz, por

exemplo: "Falta os evolucionistas dar uma explicação científica demonstrada sobre a introdução do código implantado nas células. Sem ele, nenhuma proteína poderia se formar, e, portanto, nenhuma vida." O argumento clássico segundo o qual é possível provar a existência de um Deus exterior à sua criação é a idéia de que deve ter havido uma "causa primeira". Filósofos como David Hume e Immanuel Kant demonstram a incorreção desse argumento, neutralizado por suas próprias premissas: se tudo vem de uma causa primeira, então, quem fez ou causou essa divindade? Portanto, assim como Deus, o universo seria uma criação espontânea. O que aconteceria se Deus e o universo fossem inseparáveis e - sim! - até mesmo um só? Mas vamos rever mais uma vez o mito do Gênesis, onde está fixada a imagem de uma superinteligência desconhecida como ponto de partida. Essa narrativa descreve, de fato, de modo feliz, a interação entre a lua e o surgimento do DNA, da vida

das noites.

"E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz dia; e às trevas chamou noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. [...] E disse Deus: que haja luminares na expansão dos céus [...] para alumiar a terra. E assim foi. E fez Deus dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas."

A terra foi mantida pela lua em posição inclinada e sempre houve dias, anos, e mudanças de estações que se repetiam com regularidade. E conforme dissemos antes, a lua, mais próxima da terra do que hoje, era a causa de enormes marés, cujas águas atingiam a terra, e da sopa das águas e da terra surgiu a vida. Primeiro, os vegetais, depois, apareceram nos oceanos os primeiros animais, que vieram à terra e, dotados de asas, se elevaram no ar. E milhões de formas viventes iam e vinham.

# Se tudo deve ter uma causa, então qual é a causa da existência de uma divindade?

tal como a conhecemos e sempre em evolução. Trata-se de um verdadeiro mito da criação. Por isso, conscientemente, podemos ter dúvidas sobre a exatidão de sua transmissão, pois os poderes políticos serviram-se desses textos bíblicos, os quais, com certeza, passaram por alterações no decorrer dos séculos.

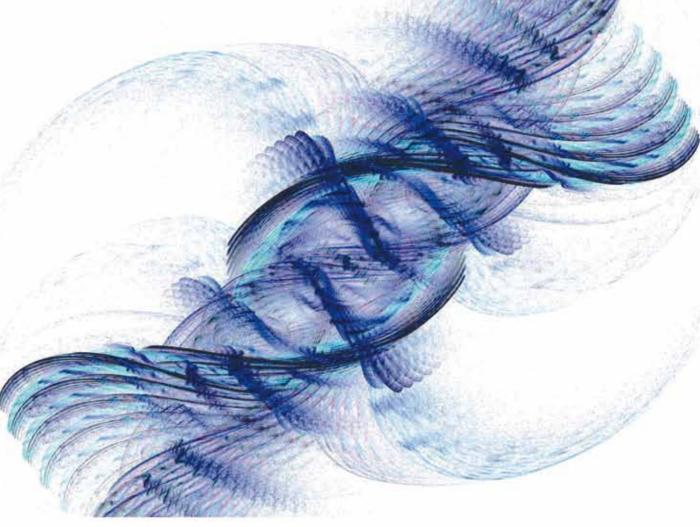
"No princípio, Deus criou o céu e a terra." Uma força desconhecida criou a terra e os céus, determinou a distância da lua à Terra, e fez que a terra fosse coberta de água.

"E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas."

No começo, a lua girava mais perto da terra, mas, aos poucos, ela foi girando cada vez mais devagar e sua rotação determinou a regularidade dos dias e depois evoluíam regularmente em estruturas mais complexas, até finalmente surgirem a inteligência e a autoconsciência.

"E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou." (Gen 1:26-28)

Há cerca de 25.000 anos, havia três tipos de seres humanos: homo floresienis, homo neanderthalis e homo sapiens. O homem de Neandertal tinha uma enorme capacidade craniana, bem maior que a dos homens de hoje: ele ria, chorava e trocava informações. Suas práticas funerárias indicam certa consciência religiosa.



Representação artística da hélice dupla do DNA. © S. Sven Geier, Pasadena, EUA.

"E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a (com responsabilidade); e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento." Depois de cada catástrofe, que eliminou pouco a pouco as comunidades, os sobreviventes das diversas civilizações progrediam aos poucos no caminho da consciência. Podemos comparar o desenvolvimento da humanidade com o de uma criança. Ela, também, evolui aos poucos. E, sempre, em certos momentos, recebe impulsos aos quais se adapta, quer queira ou

As civilizações que conhecemos remontam a mais ou menos dez ou doze mil anos antes de Cristo. É importante ter sempre em vista que o desenvolvimento da humanidade não é linear. Em outras palavras: em nossa época coexistem uma mentalidade medieval e uma mentalidade muito avançada - e essas duas influenciam-se mutuamente. A terra é o campo de evolução de inúmeras almas de níveis muito diferenciados.

#### OS SALTOS DA CONSCIÊNCIA

Seguem, a grosso modo, algumas indicações sobre o progresso da consciência:

- Os Vedas (por volta de 6000 a.C.) não fazem nenhuma diferença entre o que é divino e o que é criado. Tudo é uma coisa só e, além disso, nada cessa de progredir na senda.
- Homero faz Ulisses dizer, na Odisséia (800 anos a. C.), "Eu sou" - e isso marca o nascimento da individualidade.

- Jesus Cristo declara, cerca de 30 anos d. C.: "O reino de Deus está em vós" (Lc 17:21).
   (No DNA?)
- Em 1336, o poeta Petrarca descreve uma subida ao monte Ventoux, que ele realiza com seu irmão. Quando alcançou o topo e lançou um olhar ao seu redor, ficou aterrado pelo sentimento de imensa sabedoria. Ele viu, ao longe, outras montanhas e reconheceu o que estava por detrás delas. Ele descobriu, sensorialmente, a perspectiva "... doce e árdua, porque o corpo que se aproxima tanto do céu deve senti-lo, e sentir temor, como a alma que se aproxima de Deus".
- Na Renascença, Giordano Bruno, Galileu e Kepler estabelecem que a terra não é o centro do universo e que ela gira em torno de si mesma. Em 1972, a imagem do "planeta azul", a terra no seio do universo fez a consciência dar mais um salto adiante. Aos poucos, em todo o planeta, fomos tomando consciência de que não passamos de uma minúscula parte do imenso universo.

Naturalmente, há múltiplos avanços da consciência que nem sequer podemos perceber – e ainda haverá muitos. Isso, sem falar da descoberta do DNA por Watson e Crick em 1953. Será ela a marca de uma nova etapa do materialismo descompromissado? Ou teria o homem, finalmente, ultrapassado o tempo da infância, quando se sentia cheio de angústia e incapacidade diante de uma entidade todo-poderosa chamada Deus? Estaria ele alcançando sua maturidade? Tomará a responsabilidade de si mesmo e de tudo o que vive ao seu redor, reconhecendo que tudo está ligado (vida, natureza, consciência, evolução)?

#### OLHEM PARA DENTRO!

De fato, nem Lao Tsé, nem Confúcio, nem Buda, nem Jina no século VI a. C., falavam de uma divindade exterior ao homem. Eles partiam do princípio de que o homem precisa alcançar a harmonia interior, que também era chamada de conhecimento interior, ou Gnose. Em todas essas filosofias e com base em seus pontos de vista, não há deuses vingadores ou apaixonados, exteriores e personificados. O homem sempre dispôs de seu próprio destino. Muito tempo antes da descoberta do DNA, tanto os místicos do Ocidente como os do Oriente já haviam desvelado o fato de que a divindade está dentro do ser humano, e não fora dele.

Mestre Eckhart diz, em um de seus sermões: "Deus está em toda parte, e, em toda parte, é perfeito. Deus age na essência de todas as coisas... Deus está interiormente no que há de mais profundo de cada coisa em particular".

Para Angelus Silesius, "Deus é puramente nada: está oculto no aqui e agora; quanto menos as pessoas se voltam em sua direção, mais ele aparece".

Um monge sufi afirma: "Deus dorme nas rochas, sonha nas plantas, move-se com o animal e desperta no homem".

Citando Ashtavakra Gita: "Eu sou a profundeza infinita, onde todos os mundos encontram sua origem. Em repouso, estou além de todas as formas aparentes: sou eterno. É assim que eu sou". Sri Rama Krishna diz: "O nome de Deus é 'Eu sou'. Deus nada é senão o Ser".

Shankara diz: "Eu sou Brahma... Habito todos os seres sob a forma de suas almas, de sua autêntica consciência. Sou o fundamento de todos os fenômenos... Nos dias de minha ignorância, eu pensava que eles estavam separados de mim. Agora eu sei que eu sou Tudo".

E Thomas Merton: "Quando penetro no mais profundo de minha existência e de minha realidade pessoal atual, o ser indefinível que sou nas minhas células mais profundas, alcanço, então o 'Eu sou' infinito, que é o nome absoluto do Todo-poderoso". Em *Alice no país das maravilhas* Lewis Carroll descreve claramente a condição humana: "Um país um pouco lento", diz a rainha. "Veja só: você precisa andar tanto que pode continuar no mesmo lugar. E quando você quer ir por aí afora, então, precisa andar pelo menos duas vezes mais!" •

# A criação da Sophia

Fé e sabedoria nos escritos cosmogônicos de Nag Hammadi

s textos encontrados em Nag Hammadi dão à criação divina do espírito, da alma e do corpo uma versão diferente da versão dada pela Bíblia. Essa extraordinária revelação obriga a admitir que o Gênesis do Antigo Testamento não relata a primeiríssima fase do desenvolvimento da manifestação universal, mas sim uma segunda fase, bem mais tardia. A chave da compreensão dessa dupla concepção é a "Pistis", a Fé. O teor do presente artigo fundamenta-se em dois escritos de Nag Hammadi: O livro secreto de João e As origens do mundo.

A primeira fase da criação emana diretamente do Espírito imutável e é denominada pleroma ou ogdóade (termo de origem grega que, na mitologia egípcia, significava um agrupamento de oito divindades): o mundo do Espírito manifestando-se em movimento. O Gênesis apresenta a criação do mundo, da matéria e da alma como provindo do caos: ela é a obra dos éons, e dentre eles o maior é o deus do Antigo Testamento. Esse deus enfurecido e vingativo não é o Deus supremo, o Inefável, o Único, a Origem do primeiro princípio, mas sim "a força com cabeça de leão".

Como tal conhecimento pôde ter permanecido escondido por tanto tempo? Quais foram as consequências disso? Os mortais, prisioneiros da matéria, ignorando a primeira criação, esqueceram que possuíam dentro de si mesmos um núcleo espiritual e, da mesma forma, esqueceram a base da fé autêntica. Eles se tornaram inconscientes do homem primordial, da imagem espiritual original participante do pleroma, do Adão-Luz.

Mas quando eles redescobrem o núcleo espiritual

de seus corações e vivem em concordância com ele, então a fé triunfa sobre a morte. O Adão-Luz se eleva da tumba (da matéria) e logo começa sua ascensão no pleroma, hoje e agora.

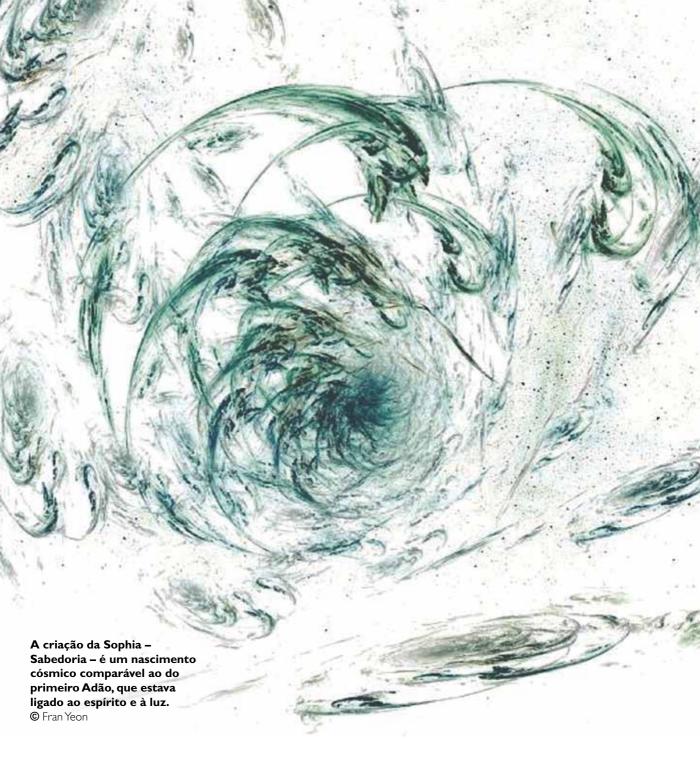
A PRIMEIRA CRIAÇÃO Em O livro secreto de João, Jesus ressuscitado instrui seu discípulo João sobre o desenvolvimento da criação original pelo Deus invisível. Ele diz: "O verdadeiro Deus, o Pai do Universo, o sopro sagrado, o Invisível que envolve o Universo com sua imortalidade, está na mais pura luz, que olho algum consegue ver. [...]

Seu pensamento entra em atividade e se revela. E surge da radiação da luz diante dele. Ele é a força do Universo, que vai se demonstrar. Ele guia o Universo com perfeição. [...]

Ele é seu primeiro pensamento. Ele é seu reflexo. Ele se tornou o primeiro Homem. Ele é o espírito virginal. Ele é o tríplice masculino, o três vezes poderoso, com os três nomes, com as três forças que despertam. Ele é o éon que não envelhece. Ele é o masculino-feminino, que brotou por sua própria determinação".

O primeiro homem celeste é Cristo, o divino Autógeno, o auto-criado. Ele existiu antes que o mundo existisse, pois é a primeira emanação de Deus, a primeira manifestação do pensamento divino. Ele nasceu, assim como está escrito, do silêncio do Deus invisível; e, de seu Verbo, do Verbo desse Autógeno, foi criado o Universo, que é sua primeira criação, perfeita.

A primeira criação, o pleroma ou ogdóade, está em completa sintonia com o Deus invisível: ela está em estreita ligação com ele.



PISTIS, A FORÇA DA FÉ A força dessa união interior é chamada, nos textos de Nag Hammadi, de Pistis - que é a fé. Ela liga a criação original a seu criador. Mas as coisas não param aí, pois, da fé nasce a sabedoria. A idéia de criação conduz necessariamente à idéia de sabedoria. No decorrer do processo da criação, a fé gera a sabedoria - que é Sophia - como uma projeção. Assim, a notável força chamada "Pistis Sophia" começa a existir.

A PISTIS SOPHIA NO MICROCOSMO A Pistis Sophia também existe no microcosmo. Quando aspira a se libertar da natureza mortal, o homem começa a seguir o chamado da rosa do coração e, assim, inicia o caminho da rendição do eu. Pouco a pouco, o "Outro" dentro dele cresce, na força da fé; em dado momento, ele se torna consciente – e essa é a prova de que a nova sabedoria, que é Sophia, está surgindo no candidato.

A revivificação da rosa acontece paralelamente à revivificação de Pistis Sophia, que é a sabedoria unida à fé. É um momento crucial. E então, o que Sophia fará, ao tornar-se consciente de si mesma? Continuará ela unida a sua companheira Pistis? Continuará unida ao Espírito invisível?

A CRISE DA SOPHIA Lemos ainda em O livro secreto de João: "Entretanto, nossa irmã, a Sophia, o décimo segundo éon, começou a desenvolver um pensamento por si mesma. Assim como o Espírito e o conhecimento primordial, ela quis criar

A FORÇA COM CABEÇA DE LEÃO Ialdabaoth, o filho da Sophia nascido de um ato arbitrário, é a força com cabeça de leão que, mais tarde, criará nosso mundo e a humanidade, fundamentado no caos das trevas. Ialdabaoth é o criador, o deus do Antigo Testamento – aquele a respeito do qual se diz: "Seu espírito planava sobre as águas", essas águas que, de acordo com os textos de Nag Hammadi, representam o caos das trevas.

A narrativa sobre a criação contida no Antigo Testamento é, portanto, a história da segunda criação, aquela que não é obra do Espírito invisível,

#### Ao dizer isso, ele pecou contra todos os mortais que o haviam protegido

por si sua imagem, embora sem o consentimento do Espírito, que não concordara com ela. [...] Como ela já não pudesse anular seu pensamento, sua obra tornou-se evidente: era imperfeita e feia, porque ela a criara sem seu companheiro. [...] Quando a Sophia a viu, tinha a aparência de dragão e cara de leão. Seus olhos, porém, eram como raios luminosos de fogo. Então, a Sophia afastoua de si, para fora daquele lugar [...] E deu-lhe o nome de Ialdabaoth. Ele é o primeiro arconte. Retirou muita força da Mãe. Ele se afastou dela, do local onde nascera, tomou posse de outro lugar, criando um éon ardente ígneo, onde agora fica".

do Silêncio, nem do Verbo da primeira Emanação - mas sim o fruto da tentação da Pistis Sophia, a fé-sabedoria apartada do Espírito.

Um processo como esse também é uma realidade microcósmica: ele acontece todos os dias dentro de nós, quando o mental trabalha apartado da ligação com o Espírito, quando ele somente está ligado à matéria e apenas cria éons desta natureza. Em todas as partes vemos criações mentais humanas "com cabeca de leão".

Mas, a criatura com cabeça de leão, fruto de nossa obstinação e teimosia, pode ser desmascarada dentro de nós. E como isso pode acontecer? Os textos de Nag Hammadi nos fornecem a explicação.



O nascimento do Adão terrestre, "o homem da lei", e de Eva, "consagrada a Afrodite (o amor)". © John Farleigh, 1939

OS PECADOS DO DEUS CEGO Ialdabaoth (Saclas, Samael), filho da Pistis Sophia, gera sete filhos e concede um céu para cada um deles. Em *Der Ursprung der Welt* (A origem do mundo), lemos: "São as sete forças dos sete céus do caos [...] E todos os deuses e seus anjos o honraram e glorificaram. E ele se rejubilou em seu coração inflado de orgulho e lhes disse: 'Eu não preciso de ninguém. Eu sou Deus e não há ninguém fora de mim!' Mas, ao dizer isso, ele pecou contra todos os imortais que ouviram suas palavras e as guardaram na memória".

A Pistis viu a perversidade do arconte supremo e disse encolerizada, sem que ele a visse: "Tu co-

meteste um erro, Samael. Teu nome significa 'o deus cego'. Um Homem-Luz existe antes de ti; ele se manifestará dentro de teu corpo criado; ele andará como sobre potes de argila; e tu, tu descerás com os teus aos abismos, onde habita tua mãe. Pois, no final de tuas obras, todas as imperfeições aparecerão na verdade e serão dissolvidas. E será como se nada jamais houvesse existido". Ele replicou: "Se alguém existe antes de mim, que ele se manifeste a fim de que possamos julgar o seu brilho". Foi então que uma luz radiosa vinda da ogdóade fendeu os céus da terra. Vendo isso, Samael ficou consternado e envergonhado. Em

um halo de esplendor, mostrou-se com precisão a imagem de um homem de grande magnificência — mas ninguém o via, a não ser o criador e Pronóia (o Entendimento), que estava com ele. Apenas o flamejar da luz manifestava-se a todas as potestades do céu, que, por causa disso, ficaram perturbadas. Assim que Pronóia viu o Anjo de Luz, ela foi tomada de amor por ele — ela, que estava nas trevas e era ignorada por ele. Agora, a Pronóia apresentava-se lânguida por querer abraçá-lo sem estar em condição de fazê-lo. Como não pudesse satisfazer seu amor, ela direcionou sua luz para a superficie da terra. Essa luz tornou-se o anjo chamado "Adão-Luz" que significa: homem-sangue-luz.



Cheio de alegria, o homem acolhe o nascimento interior da luz (Escultura copta, ca. século V d.C.).

A IMAGEM DO HOMEM PERFEITO O homem decaído também ficou profundamente perturbado diante do impulso de luz do campo de vida divino. Ele não pode ver a imagem do homem perfeito, mas ele é tocado pela luz. Seu pensamento tenta, então, captar a luz - mas não consegue. Por isso, ele dirige seu amor para a terra. Isso quer dizer que ele altera os impulsos de luz do campo de vida original em proveito de suas criações mentais.

Voltemos nossa atenção para os textos de Nag Hammadi. Os éons, loucos de inveja, são forçados a reconhecer que há um Homem-Luz que existe antes deles e que possuiu uma força superior à deles. É por essa razão que Ialdabaoth, auxiliado pelas forças do caos, que são os arcontes da imperfeição, decide criar os homens com base na imagem que ele viu, e eles aprisionam a luz, por extrema inveja dela. Da substância das trevas, eles geram corpos humanos para neles "aprisionar a luz". Assim foi criado o homem material.

Em A origem do mundo lemos: "O corpo do homem material era semelhante ao seu corpo; seu arquétipo, entretanto, era semelhante ao homem original. Porém, antes que estivesse pronto, a força Sophia-Zoé (Sabedoria-Vida) precedeu-os e criou a seu lado um homem que, mais tarde, instruiria o homem material e o salvaria das potestades das trevas: esse foi o homem-alma, ainda chamado de 'hermafrodita' ou 'mestre da vida' que, em hebreu quer dizer 'Eva' ".

AS TRÊS MANIFESTAÇÕES DO HOMEM O arquétipo das três manifestações do homem (homem-espírito, homem-alma, homem-corpo) é, portanto, o Adão-Luz que desceu de ogdóade para confundir o arconte das trevas e revelar a luz divina a suas potestades. Assim, a força crística desce no mundo e nos microcosmos para segurar nosso próprio Ialdabaoth, nosso ser aural, fruto de nossa teimosia. As Potestades das trevas criaram o homem material para aprisionar a luz. Mas, graças ao homem-alma criado por Sophia-Zoé, as trevas se deslocam e se dissolvem, deixando resplandecer em sua perfeição a imagem do primeiro homem.

Uma última citação de A origem do mundo: "O primeiro Adão, o Adão-Luz, é espiritual. Ele surge no

#### A força da Pistis, a fé, religa de modo invisível a rosa do coração à criação original

primeiro dia. O segundo Adão é provido de uma alma. Ele surge no sexto dia e se chama 'herma-frodita'; o terceiro Adão é terrestre, é 'o homem da lei'. Há três homens e seus descendentes no mundo, e isso até a perfeição do éon: o éon da matéria, o da alma, o do espírito [...] Há, portanto, três espécies de batismo: o batismo da água, o batismo do fogo e o batismo do espírito".

A HERANÇA DO ADÃO-LUZ O homem nascido da matéria recebe como herança a rosa-do-coração, que é o último vestígio do homem-espírito origi-

nal, cujos impulsos de luz perturbam nosso microcosmo e fazem-no começar sua busca. Há uma natureza diferente da natureza mortal – assim fala a voz do Adão-Luz no coração do homem. Mas qual será o caminho que leva até ela?

É a força da fé, emanada da rosa, que conduz à libertação. É a fé ligada à sabedoria verdadeira, a fé "que move montanhas". Mediante humildade e auto-entrega à luz, o homem terrestre tem o poder de ligar-se outra vez à força da fé. Para ele, tornamse realidade as palavras: "Que vos seja feito segundo vossa fé" (Mateus 9:29) •

Edwards, J. Der Ursprung der Welt (A origem do mundo). Berlim: Klaus Wagenbach, 2005.

Dietzfelbinger, K. O livro secreto de João. Jarinu: Editora Rosacruz, 2006.



# DAS FORÇAS MÁGICAS DA **NATUREZA**

Karl von Eckarstshausen

"Em nosso âmago estão todas as forças; porque nele está Deus em sua trindade.

Se essa trindade cresce em nosso coração, com ela crescem poder, sabedoria e amor; não podemos querer senão o que é bom, verdadeiro e belo, e a essa vontade tudo deve obedecer, porque é a vontade de Deus."

Eis a quinta-essência deste livro. Com uma introdução do Prof. Antoine Faivre, catedrático da Sorbonne de Paris.



EDITORA ROSACRUZ Caixa Postal 39 - 13 240 000 - Jarinu - SP - Brasil Tel (11) 4016.1817 - fax 4016.5638 www.editorarosacruz.com.br - info@editorarosacruz.com.br Número de páginas: 120 R\$ 27,00 ISBN: 978-85-88950-46-7 "Dai e dar-se-vos-á."

Os rosacruzes se reconhecem nessas palavras.

Eles experimentam que esse preceito crístico é um convite do reino das almas em crescimento.

A resposta a esse convite conduz à descoberta de uma alegria verdadeira.

Quem alcança a quintessência do homem verdadeiro conhece sua origem, passa pela matéria, encontra seu verdadeiro lugar e seu verdadeiro destino, e isso como indivíduo que faz parte da multidão que constitui a humanidade.

Ele é o servidor que prepara a casa e distribui a luz para todos que se aproximam, em unidade, liberdade e amor.

Essa é a receita, a fórmula pela qual, através dos séculos, os rosacruzes prepararam o remédio da libertação gnóstica.

Esse remédio universal opera magicamente de três maneiras.

No exterior, mediante a Fraternidade, pela vivência interior e mediante a revelação espiritual.

